

Governo planeja fome e desemprego em dobro para 83



EDITORIAL

Pacote da fome

O governo acaba de anunciar mais um pacote criminoso contra o povo brasileiro. Sua principal consequência será o aumento brutal do desemprego e da fome — coisa que o ministro da Fazenda procura cinicamente amenizar dizendo que “toda a sociedade terá que fazer sacrifícios”. A situação do país é tão grave que não foi possível adiar estas decisões tão antipopulares para depois das eleições.

Os generais argumentam que é tudo culpa da “crise internacional”. Eles pretendem esconder a responsabilidade que lhes cabe pelos acordos de traição nacional que contraíram — à revelia de nosso povo — com grandes monopólios estrangeiros, colocando o Brasil como um apêndice dos países imperialistas. Basta dizer que de 1068 a 1979 os investimentos estrangeiros no país passaram de 1,7 bilhão de dólares para 16 bilhões. São tantos os privilégios concedidos às multinacionais que a Volkswagen, por exemplo, conseguiu uma taxa de mais valia de 900% no ano passado. E agora, Joel Korn, vice presidente do Bank of America, o maior do mundo, foi o primeiro a aplaudir o pacote.

Depois de atrelarem de tal forma o país ao capital internacional, dizem que não têm outra alternativa senão mandar o trabalhador apertar o cinto. Mas com pontualidade religiosa eles pagam aos credores imperialistas os bilhões de dólares das prestações e juros da dívida externa. E para evitar que a crise afete os lucros destes grandes magnatas multinacionais, adotam pacotes antipovo como este para 1983.

Os generais, fazendo pouco caso da opinião pública, pretendem continuar e aprofundar a política econômica desastrosa adotada desde 1964 até hoje. Eles têm esperança de corromper e cooptar alguns políti-

cos da oposição que forem eleitos em 15 de novembro para engrossar as fileiras governistas.

Mas as eleições podem representar um duro golpe nestes planos. O voto do povo não vai se limitar a uma simples mudança deste ou daquele governador de Estado ou à indicação deste ou daquele parlamentar. A votação maciça no PMDB vai representar um vigoroso não ao regime militar e uma exigência de revogação da política econômica do governo, que tem como objetivo servir aos interesses dos grandes grupos econômicos nacionais e estrangeiros.

O povo vai votar contra o desemprego e contra a fome. Vai votar por melhores salários, pelo congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, dos transportes e dos aluguéis. E vai votar contra as imposições dos banqueiros e industriais estrangeiros.

Os governos estaduais eleitos pela oposição não vão se limitar a baixar a cabeça diante das ordens do governo federal como tem sido a prática dos governadores biônicos. O povo vai exigir que eles cumpram os seus mandatos como opositores, que representem o povo na luta contra o monopólio do poder central nas mãos dos generais. A luta contra este pacote da fome e do desemprego começa agora, na campanha eleitoral, e vai continuar sem tréguas depois das eleições.

O povo vai derrotar o PDS e o governo nas urnas e vai exigir que a sua vontade seja ouvida. Não pensem os generais que vão continuar fazendo deste país um mero fornecedor de riquezas e de mão-de-obra barata para as multinacionais. A campanha eleitoral é uma batalha na guerra contra o regime militar. O povo vai votar por terra, trabalho, liberdade e independência nacional.

Já está pronto o “Plano de Emergência, de Figueiredo e Delfim para a crise econômica — que só será aplicado depois das eleições para o PDS não sair ainda mais arrasado das urnas. É a capitulação completa perante os banqueiros internacionais que endividaram o Brasil. Para os trabalhadores, prevê uma explosão de desemprego que poderá vitimar mais de dez milhões. Pág. 4

Montoro na fábrica com o deputado metalúrgico

Aurélio Peres apresenta chapa do PMDB nas fábricas. Pág. 8



Marcos Freire, foi carregado pelo povo que quer derrotar o PDS

PMDB abala reduto do governo em Petrolina

Comício da oposição reúne 10 mil no sertão de Pernambuco. Pág. 8

Terrorismo pró-Beguín no Brasil

Atentado sionista contra ato pela paz no Líbano. Pág. 2



O plenário do 34º Congresso aclama de pé a primeira presidenta da história da UNE

Congresso da UNE apóia voto contra o governo

Reunidos em Piracicaba os estudantes elegeram Clara Araujo presidenta da UNE e conclamaram o povo a votar em massa contra o PDS. Pág. 5

Dirigente comunista fala das eleições

João Amazonas opina sobre o 15 de novembro e chama trabalhadores a votar contra o PDS. Pág. 3

Operário conquista comissão na Ford

A comissão tem dez membros com estabilidade e a tarefa de unir os metalúrgicos. Pág. 5

Três anos de um jornal que veio para ficar

Esta semana a Tribuna Operária completa três anos — três anos de luta incessante pelos direitos do trabalhador, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo. Não tem sido uma existência fácil. Depois das bombas terroristas, das edições apreendidas pela Polícia Federal, das incontáveis perseguições e prisões de tribuneiros, pesa agora sobre o jornal a sombra do enquadramento na Lei fascista de Segurança.

Não esperávamos outra coisa quando lançamos a primeira edição da Tribuna, em 16 de outubro de 1979. Sabíamos que as poderosas forças do regime militar e da espolição capitalista se lançariam com furor sobre esta “tribuna de defesa da classe operária, do seu presente e do seu futuro”. Mas tínhamos também certeza de que um jornal assim criaria raízes profundas entre os trabalhadores da cidade do campo, a gente simples e sofrida do nosso povo. Não nos enganamos.

Abismo separa Brasilinha de Brasília

Uma cidade no abandono, a 40 kms da capital. Pág. 8

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Conspirações envolvem a Espanha

A Espanha vive momentos de extrema instabilidade e tensão. Setores militares fascistas conspiram abertamente contra as eleições marcadas para o próximo dia 28, que tem como franco favorito o Partido Socialista, de Felipe González. No dia 2 foi desbaratado um golpe de Estado preparado para a véspera do pleito e três coronéis da ativa foram presos.

Como toda estrutura do Exército franquista se mantém intacta, nada garante que novo golpe fascista venha impedir as eleições ou a posse dos eleitos. A própria convocação de eleições antecipadas é fruto da instabilidade política reinante neste país ibérico. Com uma inflação de mais de 15% e 2 milhões de desempregados, a Espanha vem sendo sacudida por uma enorme vaga de descontentamento popular.

RETIRADA TÁTICA

Esfrangalhado por cisões internas e tolhido de inoperância governativa, o governo do primeiro ministro Calvo Sotelo apostou numa retirada tática

para contornar a situação. Dissolveu o Parlamento e convocou eleições gerais. Pretendia pegar seus adversários políticos de surpresa e garantir um bom desempenho relativo do seu partido, a UCD. Mas a insatisfação operária e popular é tamanha que deu lugar por terra os planos de Sotelo. Canalizando a avidez de mudança do povo, o PSOE de Felipe González passou a se apresentar como vencedor certo do pleito. E isto levou os setores militares fascistas a intensificar suas articulações golpistas.

O PSOE não representa nenhuma opção radical. Pelo contrário, no Parlamento votou pela anulação de direitos conseguidos na Constituição e aprovou, juntamente com a UCE,

um Acordo Nacional de Empresa que é uma verdadeira camisa de força imposta à classe operária e o livre trânsito à ofensiva patronal. No início do mês González tranquilizou os grandes banqueiros, afirmando que nada ia mudar com os bancos, caso seja eleito, e garantiu que nem sequer ia aumentar os impostos para as faixas de maior renda.

Mas as Forças Armadas, que mantêm toda a estrutura do franquismo, querem usar a velha receita do fascismo para acabar com a "agitação" operária e popular. O golpe desbaratado no último sábado é apenas a ponta do iceberg. Esta foi a décima segunda tentativa, em apenas seis anos. Os militares reacionários gozam de total impunidade. O governo nunca cortou seus laços com o franquismo e nem desmantelou seu aparelho repressivo. Os fascistas contam com isso.

(Luís Fernandes)



Felipe González (de casaco branco) tranquilizou os capitalistas espanhóis sobre o "socialismo" do PSOE

A cúpula militar sionista em polvorosa

Três semanas depois da matança de civis palestinos nos campos de refugiados de Sabra e Chatila, em Beirute, a crise do sionismo atingiu em cheio até o alto comando militar de Israel. O chefe do Estado-Maior, general Rafael Eytan, chegou a pedir a renúncia do ministro da Defesa Ariel Sharon, numa tumultuada reunião secreta da cúpula militar sionista.

E não foi só Eytan. Mais de 260 oficiais israelenses, da reserva e da ativa, assinaram um documento exigindo a cabeça de Sharon "devido à crise de confiança que se formou entre ele e o alto comando".

O massacre em Beirute Ocidental foi assim a última gota d'água de um processo de desmoralização e decomposição acelerada do exército israelense, que vem desde a invasão do Líbano. Já é conhecido o caso do herói militar de Israel, coronel Eli Geva, que se afastou do exército em julho por discordar da matança de civis libaneses e palestinos. Mas depois de Geva, levadas inteiras de soldados passaram a manifestar abertamente suas dúvidas — ou até sua

oposição — frente à guerra do Líbano. O próprio Sharon reconheceu que, em plena ação bélica, não pode mobilizar uma brigada inteira por temer um motim. E mais de mil militares, entre os quais 152 oficiais, enviaram ao assassino do Ministério da Defesa um abaixo-assinado recusando-se a ir ao Líbano.

Outro foco da crise serão as investigações da comissão de inquérito sobre o massacre, formada por um juiz, um general reformado e um juiz-general. Elas poderão se prolongar por até um ano, mas a sociedade israelense já fez seu julgamento. Cresceu dia a dia as pressões para a deposição dos governantes assassinos Beguin e Sharon.



Manifestantes nas ruas de Tel Aviv conclamam: "Detenham o monstro Sharon!"



A guerra Ira-Iraque, onde os povos não têm nada a ganhar

Regime do Irã ataca o Iraque e não quer a paz

A guerra Ira-Iraque voltou a esquentar com a ofensiva de 50 mil soldados iranianos contra a região de Mandali, a 100 quilômetros de Bagdad, capital do Iraque. O conflito pode rapidamente se espalhar por todos os países árabes do Golfo Pérsico. O governo do Sudão já decidiu enviar tropas para ajudar o Iraque e outros já prometeram fazer o mesmo. A última reunião da cúpula da Liga Árabe, em Fez, no Marrocos, condenou o Irã e deu apoio ao governo de Bagdad.

As informações sobre os combates continuam contraditórias, com os dois lados anunciando vitórias. Duas divisões iraquianas já

estavam prevenidas contra a invasão e estão oferecendo resistência, transformando a batalha por Mandali numa das maiores desta guerra. Consta que as tropas iranianas, apesar dos apelos de Khomeiny, não têm a mesma garra das forças que resistiram com heroísmo à invasão do Iraque.

Com estas guerras, onde os povos árabes não têm nada a ganhar, só os imperialistas podem tirar vantagens. Eles enfraquecem a revolução iraniana, que teve um caráter antiimperialista, apesar das traições da direção burguesa, e colocam os governos árabes ainda mais à mercê do poderio bélico das grandes potências.

A posição dos comunistas do Irã

Apesar de combater o regime reacionário do Aiatolá Khomeiny, a classe operária iraniana, através de seu partido — o Partido do Trabalho do Irã (PTI) — participou decididamente da luta para derrotar a invasão do Irã pelo Iraque que se iniciou há dois anos. Mas quando o governo do Irã, por sua vez, invadiu o país vizinho, o PTI imediatamente mostrou que isto não está de acordo com os interesses do povo iraniano e denunciou a agressão.

Transcrevemos aqui alguns trechos do apelo do PTI aos trabalhadores e a todos os democratas do Irã condenando a invasão do Iraque.

Depois de render homenagem aos nomes de alguns dos inúmeros militantes comunistas que tomaram na guerra contra o invasor, o PTI afirma que: "o regime reacionário de Khomeiny quer provocar de novo uma crise, porque ele não pode sobreviver sem crise. Apesar da cessação das hostilidades e da aceitação pelo Iraque das condições para a paz: retirada do

exército iraquiano, pagamento de indenizações e acordos sobre o pedido iraniano de uma passagem para o Líbano (o que não passa de um golpe de propaganda do regime) apesar disto tudo Khomeiny não quer concluir a paz".

"No fundo o objetivo de Khomeiny está de acordo com os planos imperialistas na região. Condenamos estes planos e apelamos a todos os camaradas e simpatizantes a não participarem de maneira nenhuma desta guerra. Enquanto a luta assumiu um caráter de defesa nacional, os comunistas iranianos cumpriram o seu dever na defesa do país. Os camaradas caídos são prova eloquente disso".

O comunicado termina apelando à unidade de todas as forças democráticas para denunciar o regime reacionário de Khomeiny. O partido revolucionário da classe operária no Irã é ainda muito jovem e vem temperando as suas fileiras numa situação difícil mas cheia de ensinamentos para os trabalhadores.



Os carros incendiados no Bom Retiro pelos criminosos discípulos de Beguin

Terror sionista ataca no Brasil

Com um atentado terrorista, seguidores de Beguin e Sharon atacaram segunda-feira um ato público contra os massacres de Sabra e Chatila, promovido pelo Instituto Cultural Israelita - Brasileiro no teatro Taib, São Paulo. Enquanto 600 pessoas lotavam o teatro, dois jovens bem vestidos, segundo uma moradora, despejaram gasolina na sarjeta da rua e atearam fogo, destruindo dois carros pertencentes a brasileiros-judeus.

Esta reaparição da extrema-direita sionista no Brasil — vitimando judeus-brasileiros — ajuda a entender a questão do antisemitismo hoje. O terror sionista volta-se contra o próprio povo judeu, para intimidá-lo. E com seus atos criminosos termina abrindo espaço para os preconceitos antisemitas, reacionários, injustificáveis, mas aparentemente lógicos. "O maior foco de antisemitismo no mundo é o gabinete do primeiro-

ministro Menachem Beguin" — foi uma das frases mais aplaudidas no teatro Taib.

Walter Feldman, que representou a Conam no protesto, comenta que "ele mostrou uma compreensão profunda da distinção entre o Estado judeu e o povo judeu. Um povo que hoje constitui-se em nação, mas é dominado em Israel por um Estado autoritário, expansionista". Para Feldman, a grande maioria dos brasileiros-judeus condena o genocídio dos palestinos, mas ficou na defensiva frente à agressividade de Beguin e companhia. O protesto do dia 3 já é um indicio de mudança nesta situação.

Enquanto isso, mil pessoas percorriam em passeata a avenida principal de Manaus — e ouviam o discurso emocionado da jovem Cristina, de origem palestina, pedindo urgência para o apoio ao povo palestino, antes que seja tarde demais.

A Tribuna Operária é um jornal feito para facilitar a leitura daqueles que não tiveram a felicidade de frequentar grandes escolas. O jornal denuncia a exploração capitalista e a escravidão dos latifundiários e defende a política da união operária-camponesa com os democratas descomprometidos com o atual regime.

(João de Deus, líder metalúrgico do Rio de Janeiro)



João de Deus

Colabore com a campanha de assinaturas da Tribuna Operária

Desejo receber em casa a Tribuna. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

Anual de apoio (52 eds.) - Cr\$ 5.000,00

Semestral de apoio (26 eds.) - Cr\$ 2.500,00

Anual comum (52 eds.) - Cr\$ 2.500,00

Semestral comum (26 eds.) - Cr\$ 1.250,00

Nome:

Endereço:

Bairro:

Cidade: Estado:

CEP: Telefone:

Data: Profissão:

Tribuna Operária

Endereço: Travessa Brigadeiro Luis Antônio, 53, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318. Telefone: 36-7531 (DDD 011) Telex: 01132133 TLOP BR

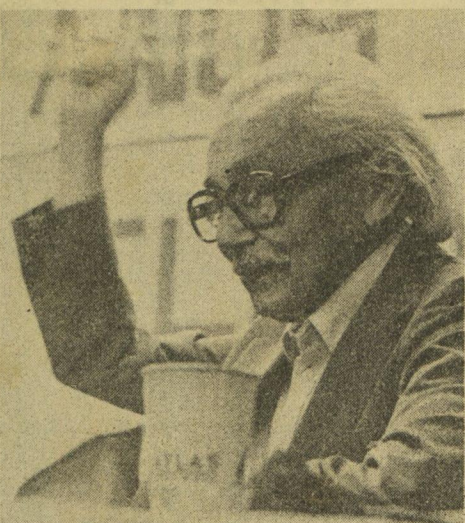
Jornalista responsável: Pedro Oliveira
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Oliveira Fangel
Sucursais:
Acre: Rua Belém, 15 - Estação Experimental, Rio Branco - CEP 69900
Alagoas: Rua Simão de Sá, 231-A, Pça da Saudade, Caixa Postal 1439, Maceió - CEP 57000
Amapá: Rua Aristides Lobo, 620 - Centro, Belém - CEP 66000
Amazonas: Rua da Paz, 117 - Altos - Centro, Manaus - CEP 65000
Bahia: Rua Simplicio Mendes, 150, sala 7 - Teresina

CEP 64000. Ceará: Rua do Rosário, 313-314, sala 206 - Fortaleza - CEP 70000
Rio Grande do Norte: Rua Fonseca e Silva, 1098, sala 102 - Alcaim - Natal - CEP 59000
Paraná: Rua Padre Meira, 30 - sala 108 - Centro - João Pessoa - CEP 58000
Rio de Janeiro: Rua Venâncio Neiva, 318 - 1º andar - Campina Grande - CEP 58100
Pernambuco: Rua 7 de Setembro, 42 - 7º andar - sala 707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000
Rio de Janeiro: Rua 13 de Maio, 85 - 1º andar, sala 3 - Garanhuns - CEP 55300
Alagoas: Rua Cincinato Pinto, 183 - Maracão - Centro - CEP 57000
Sergipe: Rua João Pessoa, 299 - sala 28 - Aracaju - CEP 49000
Bahia: Rua Senador Costa Pinto, 825 - Centro - Salvador - CEP 40000
Av. Getúlio Vargas, 260 - Sala 101 - Fátima - Santos - CEP 44100
Rio de Janeiro: CEP 42800
Av. Juracy Magalhães, 180 - sala 204 - Taboão da Serra - CEP 45000
Mina Gerais: Rua da Bahia, 573 - sala 904 - Centro - Belo Horizonte - CEP 30000
Rio de Janeiro: CEP 224-7600
Paraná: Rua do Contorno, Rodovia, 843/855 - Contagem - CEP 32000
Goiás: Rua Valdeaires - 3 - Fátima - Goiânia - CEP 74000
Paraná: Rua da Paz, 117 - Altos - Manaus - CEP 65000
Piauí: Rua Simplicio Mendes, 150, sala 7 - Teresina

32, 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel. 225-6689 - Distrito Federal: Ed. Goiás - sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317
Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Goiânia - Tel. 321-5095 e 321-9095 - CEP 76000
Espírito Santo: Rua General Osório, 127 - sala 908 - Vitória - CEP 29000
Rio de Janeiro: Rua São José, 90 - sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000
Rio de Janeiro: Rua General Câmara, 52 - sala 29 - Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua Dr. Montauri, 658 - 1º andar - sala 15 - Caxias do Sul - CEP 95100
A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressão: Caxias do Sul - Rua Gastão da Cunha, 99 - CEP 95100 - São Paulo

Em quem os operários devem votar?

João Amazonas, ex-deputado constituinte pelo Partido Comunista do Brasil, enviou à *Tribuna* este artigo, comentando o quadro das eleições de novembro e a atitude dos operários conscientes.



As eleições se aproximam. A propaganda dos partidos políticos é grande. Todos se dizem o melhor, todos querem o voto popular, todos fazem mil promessas.

Certamente, as eleições têm importância. Não vão resolver os problemas fundamentais do povo e do país. Mas servem como arma de luta contra os poderosos, contra os opressores. Por isso o proletariado deve participar ativamente da campanha eleitoral e **votar bem**. Atuar de forma que esta campanha ajude e faça avançar o movimento da classe operária por sua libertação, rumo ao socialismo.

Chegou a hora de derrotar o governo militar e o PDS. Votar bem é votar contra eles

Votar bem é votar contra o governo e o PDS. O governo serviu e serve aos grandes capitalistas de dentro e de fora do país. Entregou as nossas riquezas, endividou o Brasil, reprimiu os trabalhadores e as massas populares, provocou a crise e o desemprego em massa, a carestia de vida, elevou as contribuições da previdência social. Mantém os sindicatos atrelados ao Ministério do Trabalho, impõe uma política salarial de fome. Está sempre ameaçando os operários, amordaçando o povo, atacando as liberdades, punindo os que não rezam pela sua cartilha.

O governo e o PDS são os piores inimigos dos trabalhadores nos dias de hoje. Quem diz o contrário, ou se

Quem dispersa o voto ajuda o PDS...

omite, ou está tentando enganar as massas.

Chegou, porém, a hora de derrotar o governo militar e o PDS. Este partido e os seus candidatos podem ser batidos eleitoralmente na maioria dos Estados. Desta forma, o governo perderá um dos principais apoios políticos que tem atualmente — o dos governadores impostos. Perderá ao mesmo tempo a maioria parlamentar submissa que vota em tudo que o governo quer. Perderá ainda grande número de prefeituras. O Colégio Eleitoral preparado a capricho para a eleição indireta do presidente da República em janeiro de 1985 sofrerá sérias modificações, atingindo em cheio os planos continuistas dos generais.

A derrota do governo criará condições para mudar a disposição de forças políticas no plano nacional, mudança que deve ser aproveitada pelo proletariado e pelas correntes democráticas no sentido de pôr um fim ao regime da fome, da repressão e do entreguismo que há dezoito anos nos oprime, de conquistar ampla liberdade, de liquidar as leis arbitrárias — como a Lei ANTIGREVE, a Lei de SEGURANÇA NACIONAL, a Lei de IMPRENSA, a Lei que permite o julgamento de civis pela Justiça Militar — e possibilitar a convocação de uma Assembleia Constituinte livremente eleita.

Mas só poderemos derrotar o governo e o PDS se somarmos todos os votos oposicionistas numa única legenda partidária.

Dispersando a votação — uns votando no PDT, outros no PT, outros no PMDB e ainda outros no PTB — o resultado final será a eleição dos candidatos do PDS que, mesmo em minoria, poderão ter mais votos do que os candidatos dos demais partidos separadamente. Quem dispersar a votação, queira ou não queira, ajuda o governo e o PDS.

Por força das circunstâncias, o partido que reúne as melhores condições para derrotar o governo é o PMDB. Porque é o maior partido oposicionista, o que tem mais força organizada em todo o país, o que favorece a formação de uma ampla frente-única. Além disso, tem um passado de resistência à ditadura. Muitos dos seus parlamentares foram cassados, outros processados. Não por acaso o centro do ataque do governo e dos reacionários em geral é atualmente o PMDB.

Naturalmente, o PMDB não é o partido dos operários conscientes. Nem vai mudar em profundidade a situação do país. Seu programa não chega a dar verdadeira saída aos problemas que o Brasil enfrenta. Mas os operários sabem que a saída não será alcançada através de eleições, sobretudo como as atuais. Somente a luta organizada e unida da classe operária e das massas populares, em todas as frentes, dentro e fora do parlamento, principalmente fora, e sob a direção de um partido de vanguarda, pode abrir caminho a um novo regime de progresso, de liberdade, de justiça social, de terra para quem nela trabalha.

Embora seja esta a verdade, é preciso compreender que os objetivos finais somente serão conseguidos numa luta de muitas e variadas batalhas. E a grande batalha de hoje é a eleitoral, tendo em mira golpear os opressores e reforçar a unidade popular. Por isso se deve votar no PMDB.

Apesar de ser um partido de classes dominantes, é aquele que no momento, tem potencialidade maior para atingir seriamente o governo arbitrário e antipopular — alvo principal da luta do povo.

Nesse partido há também candidatos operários e populares, demo-



“Por força das circunstâncias, o partido que reúne as melhores condições para derrotar o governo é o PMDB”

cratas e patriotas. São homens e mulheres conhecidos pelo seu passado de lutas, gente que defende os interesses vitais dos trabalhadores e do povo. Neles é que devemos votar, além do voto aos candidatos majoritários. Elegendo numerosas bancadas de deputados federais e estaduais, de vereadores populares, de prefeitos sensíveis às reivindicações das massas, em todo o país, não apenas contribuiremos para uma vitória esmagadora do PMDB com a finalidade de derrotar o governo, mas teremos ainda ampliado a força independente das massas a fim de prosseguir no combate, em todos os terrenos, contra a reação, contra os exploradores e opressores.

Há quem diga que sufragando os candidatos do PMDB se está votando no patrão. Isto é demagogia barata. Ao votar no PMDB o trabalhador não vota no patrão, mas contra o governo que é o representante maior de todos os patrões, das multinacionais, dos grandes banqueiros e dos latifundiários.

Há também quem diga que, com esta posição, se defende a volta ao bipartidarismo, à existência unicamente de dois partidos. É um argumento falso. Porque derrotando

o governo estaremos derrotando igualmente a legislação antidemocrática que impede a organização de todas as correntes de opinião pública, e defendendo o direito à existência legal de todos os partidos políticos, inclusive a do autêntico partido da classe operária, o Partido Comunista do Brasil.

Quinze de novembro é o dia do acerto de contas, de cobrar o que o governo nos tirou

Os operários não se deixarão enganar, nem pela demagogia de certos políticos conservadores, nem pela linguagem pretensamente antiburguesa do PT, cujo programa econômico, recentemente apresentado, pouco difere, no que tange às soluções imediatas, das proposições de setores de classes dominantes. Os operários saberão distinguir no meio do tumulto eleitoral onde se encontram os seus interesses. Votarão contra o governo, por um novo passo adiante no caminho da sua emancipação que somente se dará quando os proletários chegarem ao poder através

de uma revolução e jamais de eleições convocadas pela burguesia.

Por todos estes motivos, nas eleições de 15 de novembro, os operários, os que vivem do seu trabalho, devem votar na oposição, no PMDB, contra o governo autoritário e antioperário, o verdadeiro inimigo do povo. Os outros partidos não têm força suficiente para derrotar o PDS. Se não votarmos maciçamente no PMDB, poderemos eleger para o Parlamento alguns bons elementos de outros partidos, mas os governadores da grande maioria dos Estados serão do PDS, o Congresso continuará dominado pelo governo, o Colégio Eleitoral aprovará o candidato indicado pelos militares à presidência da República. Ganhará o governo opressor e entreguista e não o povo brasileiro. A luta continua, não termina depois das eleições.

15 de novembro é o dia do acerto de contas nas urnas, da cobrança de parte do que o governo militar nos deve e nos tirou. Votemos contra ele, pela vitória da oposição. O êxito do PMDB será também êxito dos trabalhadores, que lutam por uma vida de liberdade e progresso social, em direção a uma nova sociedade sem exploradores nem explorados.

Candidatura de Jane é a que mais se projeta em Salvador

A candidatura de Jane Vasconcelos a vereadora de Salvador, pela Tendência Popular do PMDB, é talvez a que mais rapidamente se consolida no quadro eleitoral baiano. Jovem médica, líder do Movimento Contra a Carestia (MCC), Jane foi lançada pela população de alguns dos bairros mais populares de Salvador, como a Liberdade e Divinéia. E está contagiando a cidade.

“O povo de Salvador está cansado de eleger vereadores que não passam das promessas no período eleitoral” — comenta a candidata, que lembra inclusive o fato da oposição ter chegado a ser maioria na Câmara dos Vereadores de Salvador na última eleição, passando depois a minoria por culpa de vereadores que aderiram ao governo. “Além disso — diz ela — o povo nunca podia esperar muito mesmo de vereadores que continuaram na oposição. Graças a isto, a desconfiança com que o povo olha o conjunto dos candidatos convive com uma grande receptividade para aqueles que se comprometeram diariamente com suas lutas”.

TRÊS ARMAS ELEITORAIS

Para conquistar a confiança e o voto do povo, Jane Vasconcelos conta com três grandes armas. A primeira são as idéias que defende: contra a carestia e a fome, pelo congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, contra o desemprego, pelo direito à saúde, contra o governo de Antonio Carlos Magalhães e Figueiredo.

Uma segunda arma da jovem médica é o grande contingente de amigos e ativistas dispostos a picar, fazer comício, ganhar votos casa por casa — tudo voluntariamente, além de contribuírem financeiramente. Mas é a terceira grande arma que confere a marca da candidatura: a representatividade conquistada na luta contra o aumento das passagens de ônibus

no ano passado, quando Jane empunhou com firmeza a reivindicação do MCC, pelo congelamento das tarifas, contra a intransigência do governador Antonio Carlos e do então prefeito Mário Kertész, hoje no PMDB. A revolta levou a um imenso quebra-quebra de ônibus, enquanto o governo desencadeava feroz repressão. Jane foi demitida do emprego, incluída na Lei de Segurança Nacional, teve sua casa invadida pela Polícia Federal. Mas não traiu a luta. Enquanto certos setores da oposição vacilavam, ela apoiou a compreensiva revolta popular, e não descansou enquanto o preço das passagens não baixou.

COM DATA MARCADA

O quebra-quebra até hoje é lembrado pelo povo e, segundo a candidata, “ficou também na

memória do prepotente governador baiano, pois foi definitivamente destruída a imagem que tentou criar, de homem querido. Antonio Carlos perseguiu tanto a mim como a todos que ousaram manifestar apoio à revolta popular, especialmente o companheiro Haroldo Lima, hoje candidato a deputado federal, também pelo PMDB.

Para Jane, “existem vários objetivos com data marcada para 15 de novembro. Não é por acaso que os setores populares mais avançados realizam nesta luta eleitoral a maior mobilização de forças desde 1964. É que está em jogo o objetivo de, além de eleger bancadas populares em todo o país, imprimir uma derrota aos generais no poder, elegendo os candidatos do PMDB a governador em todos os Estados. Não vai ser fácil, mas iremos conseguir! (da sucursal)



Jane com Roberto Santos e Haroldo Lima (dir): objetivos com data marcada...



Santillo opina sobre papel de Aldo Arantes

Para o senador Henrique Santillo, eleger Aldo Arantes deputado federal é tão importante quanto eleger Iris Resende governador de Goiás.

“Começemos pelo significado das eleições de 82 para o país — declarou o senador à *Tribuna*. — Nesta fase importantíssima para a vida nacional, em que a ditadura militar encontra-se isolada do ponto de vista político, ela marca um processo importantíssimo e nós estamos certos de que seus resultados terão significados da maior importância para conseguirmos finalmente a meta-síntese do PMDB, que será a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana”.

“No Estado de Goiás — prossegue Santillo — sem dúvida a vitória do PMDB será consagrada. É um Estado especialíssimo, porque o fracasso das administrações estaduais noemadas é bem mais marcante do que em todos os demais Estados. E o PMDB conseguiu transformar-se em consciência coletiva goiana, num instrumento adequado e eficiente.

“Por isso temos a preocupação muito grande com o posicionamento político das nossas bancadas estadual e federal. E, neste contexto, a nossa luta é pelas candidaturas com posicionamento, com compromissos populares. A candidatura do companheiro Aldo Arantes tem este significado especialíssimo e importante. É a marca do compromisso popular do PMDB neste Estado e sua eleição ao meu ver é tão importante quanto a de Iris Resende para o Estado de Goiás”.

(da sucursal)

“Orgulho-me por meu filho Divino ter sido um herói”

Dia 14 de outubro de 1973, o jovem Divino Ferreira de Souza, o Nunes, tombava na selva do Araguaia, abatido pela ditadura. Dona Santa, sua mãe, declara que sente-se orgulhosa “por Divino ter sido um herói, um bom filho, amigo de todo mundo, muito inteligente e que escolheu o caminho que achava mais correto”. Dia 14, em Goiânia, a família celebrará uma homenagem a Divino e aos demais combatentes do Araguaia.

FIGUEIREDO TEM CORAÇÃO?

Dona Santa quando fala do filho fica emocionada. Lembra os momentos que passaram juntos, nos anos negros da ditadura, e o último dia em que o viu — 28 de janeiro de 1966. A medida que vai falando, aumenta a emoção. Ela pergunta: “Por que o presidente da República não autoriza que os familiares dos combatentes do Araguaia tenham acesso às informações sobre os seus entes queridos? Será que ele não tem coração, não



Divino, o Nunes: onde estará?

tem sangue, não é gente de carne e osso?”

A mãe de Divino nunca recebeu qualquer informação oficial sobre o paradeiro do filho. “Em 79 — conta ela — eu divulguei uma carta aberta às autoridades pedindo informações — que foi publicada em todos os países do mundo, pela Anistia Internacional. No entanto, a carta não conseguiu sensibilizar os nossos governantes”.

(da sucursal)

Solidariedade à Tribuna

A *Tribuna Operária* e a Editora Anita Garibaldi receberam mais mensagens de solidariedade face à ameaça de aplicação da Lei fascista de Segurança Nacional contra ela.



“A Comissão da Campanha pela Revogação da Lei de Segurança Nacional repudia mais este ato de arbítrio perpetrado pelo ministro Abi Acel. Esta é mais uma medida repressiva que lesa os direitos democráticos e nos leva a prestar nossa solidariedade a todos os atingidos pela LSN, assim como a exigir sua imediata revogação”.

— seguem-se assinaturas de 31 entidades gaúchas e nacionais.

“Os atuais enquadramentos na Lei de Segurança são frutos do Estado autoritário que pretende

intimidar as correntes democráticas. Por que o governo impede que se conte o que ocorreu nas selvas do Araguaia entre os anos de 1972 e 1975? Que crimes cometem os que relatam os fatos? Por que essa perseguição agora aos autores do livro *Guerrilha do Araguaia*? É impossível tapar o sol com uma peneira. Mais cedo ou mais tarde o povo vai conhecer pormenorizadamente a história dessa guerra, queiram ou não os que hoje tentam encobri-la”.

— Mário Frota, deputado federal (PMDB-AM). “Não é obra do acaso que atualmente, em nosso país, 28 jornalistas respondam a processos ou tenham sido condenados pela Lei de Segurança Nacional. É a face autoritária do regime, garroteando a liberdade de imprensa”.

— Carlos Alberto de Oliveira, presidente do Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro.

Fundação Maurício Grabois



O ministro Ernane Galvêas: um plano para deixar 10 milhões desempregados

Plano do governo para arrochar mais o povo

O ministro Galvêas fez uma revelação fulminante no dia 5 de outubro. O governo tem um "Plano de Emergência" para 1983 que vai arrasar o Brasil. Serão feitos cortes de 6 bilhões de dólares nas importações, a economia será paralisada e o desemprego poderá atingir 10 milhões de trabalhadores. Delfim Netto, mendigando empréstimos de país em país, confirma que o plano é uma exigência dos banqueiros internacionais.

Os laboratórios do Planalto preparavam chumbo grosso para derrubar a economia após as eleições. O que impedia a revelação era a campanha do PDS. Mesmo assim o governo foi tomando medidas impopulares. Retirou dinheiro de circulação, dando um forte aperto no crédito, paralisou importações, criou imposto para o dólar, queimou centenas de milhões de dólares das reservas e vendeu toneladas de ouro. Para livrar a cara, apresentou a desculpa da crise internacional desencadeada pela falência do México e disse que as medidas eram temporárias.

O "Plano" que acaba de ser revelado é um passo muito mais grave. Não pode ser apresentado como temporário. A crise está tão profunda que o governo não conseguiu esperar passar o período eleitoral. Os objetivos apresentados por Galvêas são altamente recessivos. O destaque maior é o violento corte nas importações. O governo pretende cortar 6 bilhões de dólares, o que representa um terço do total. Como nossa economia é dependente de exportações isso equivale a parar a economia.

FALÊNCIA DE EMPRESAS

Basta lembrar que em 1981 as medidas do governo causaram um corte de um bilhão de dólares nas importações, este foi um dos fatores principais da recessão do ano passado, que causou uma queda de 10% no produto industrial e levou mais de 3 milhões de trabalhadores ao desemprego. Agora o corte proposto é de 6 bilhões!

O "Plano de Emergência" está saindo do forno aos poucos, numa tentativa de diminuir o impacto eleitoral. Uma das principais exigências dos banqueiros internacionais, representados pelo Fundo

Monetário Internacional, é o arrocho salarial. Eles exigem o fim dos 10% acima do INPC para os que ganham até três salários-mínimos. O governo desmente. O próprio Figueiredo diz que não vai mexer nos salários. Mas ele disse também que não haveria recessão. Nesses tempos de crise tão acelerada, a mentira governamental tem perna ainda mais curta.

Antes mesmo do "Plano de Emergência" o pânico já domina a economia. Nos últimos meses as falências e concordatas estão nas primeiras páginas dos jornais. A Servix, segunda maior empreiteira do Brasil, pediu concordata. Também entraram na dança a Vigorelli, a Atma, tradicional fabricante de brinquedos e plásticos, e muitas outras. Recentemente o poderoso grupo Borda do Campo, grande revendedor de veículos Ford, pediu concordata. Seu proprietário, Luiz Wallace Simonsen, está sendo processado. Ele, que pertence a uma antiga família de capitalistas, personagem constante das colunas sociais, passou um calote de 5 bilhões de cruzeiros em dez bancos. Não pagou os empréstimos e deu como garantia propriedades que já não eram mais dele, e estavam hipotecadas várias vezes.

ELEIÇÃO É OBSTÁCULO

É um fenômeno de desagregação, tanto política como econômica. O regime, mesmo com todos os casuismos, será derrotado fragorosamente nas urnas e até mesmo no interior, antigo reduto do PDS, o PMDB cresce bastante. A política econômica de Figueiredo é tão entreguista que vários empresários passam para a oposição e o isolamento social do regime aumenta.

Para certos empresários a ameaça é sair do mercado ou mudar de ramo. Para os trabalhadores a possibilidade é de fome e desemprego. Com o "Plano" os trabalhadores levarão facadas no peito e nas costas, terão arrocho e desemprego. Por isto a luta contra o regime é uma questão vital e as eleições são um momento importante. O povo poderá eleger um Congresso com maioria da oposição. O mesmo poderá ocorrer no governo da maioria dos Estados. Após 15 de novembro ficará mais difícil para o governo manobrar e passar pacotes. No entanto depois das eleições a luta será ainda mais dura. Ao aplicar o seu "Plano" o governo estará jogando mais lenha na fogueira da explosão social. (Luiz Gonzaga)

PMDB capixaba tem 65% dos eleitores

Mesmo depois da visita do general Figueiredo à Vitória, para assinar contratos demagógicos no intuito de ajudar o PDS, o partido do governo continua em franca decadência no Espírito Santo. As últimas pesquisas dão mais de 65% da preferência do eleitorado para o PMDB. O PT e o PDT não estão conseguindo dividir os votos da oposição — juntos somam apenas 5% do eleitorado.



Max Mauro, deputado federal

Desde a sua convenção estadual, o PDS capixaba vive em crise. O seu político de maior expressão, o ex-governador Elcio Álvares está rompido com o governador Eurico Resende e tem dito a amigos que aposta na vitória do PMDB, embora apoie alguns candidatos do PDS, amigos seus.

Enquanto isto, a candidatura a governador do ex-prefeito biônico da capital, Carlito Von Schilgen, conhecido também como "Carlito Von Pilsen", do PDS, juntamente com o candidato a vice José Maria Feu Rosa, não consegue avançar dentro do próprio PDS, onde só se fala em "voto camarão". E para agravar, Camilo Cola, o superbilionário dono da Viação Itapemirim — conhecida como campo de concentração de trabalhadores — faz sua campanha para o Senado inteiramente desvinculado do resto do PDS, percorrendo o interior com uma frota de ônibus de luxo, distribuindo dinheiro.

O PDS está fazendo a campanha no interior baseado na corrupção e na violência, tentando intimidar ou comprar, inclusive candidatos da oposição. E para juntar gente nos comícios, convida o povo para shows com artistas famosos — só que após a apresentação dos artistas, o povo vai embora e deixa a praça vazia, com os candidatos governistas isolados. Isto já aconteceu em Colatina, Cachoeiro do Itapemirim, Serra e outras.



Josmar Pereira, a estadual

OPOSIÇÃO POPULAR

Apesar de todas as manobras, para governador, por todo lado que se anda, no Espírito Santo só se fala em Gerson Camata, do PMDB. E dentro do PMDB, a Tendência Popular, liderada pelo atual presidente regional do partido, deputado federal Max Mauro, pelo deputado estadual Nelson Aguiar e pelo candidato a deputado estadual Josmar Pereira, é que tem impulsionado o tom nitidamente oposicionista e consequente da campanha. O próprio Camata tem avançado nas suas intervenções públicas para uma posição de combate frontal ao governo, levando o conjunto do partido a abraçar as propostas da Tendência Popular.

À medida que a campanha ganha as ruas, fica evidente que o povo vai votar pela luta intransigente contra o regime de fome e de opressão imposto pelos generais. Recentemente foi inaugurado em Vitória o comitê do candidato a vereador Gildo Ribeiro — coordenador da Tendência Popular — no bairro da Ilha de Santa Maria e Monte Belo. Daí para frente centenas de pessoas diariamente tem ido buscar orientação e se incorporar à campanha. Outro candidato popular a vereador, na cidade de Cachoeiro do Itapemirim, Djalmo Carvalho, organizou três comitês eleitorais onde funcionam escolinhas de voto, mobilizando milhares de pessoas. No interior, diversos candidatos a prefeito fortalecem a Tendência.

FRACASSO DA DIVISÃO

O PT fez um grande esforço para se firmar no eleitorado e tratou de atacar duramente o PMDB para dividir a oposição. Mas não conseguiu mobilizar ninguém. E os setores mais combativos que estão neste partido estão se desinteressando pelos candidatos do PT e passando e apoiar os candidatos da Tendência Popular do PMDB.

O PTB, que só existia em Cachoeiro do Itapemirim, resolveu apoiar abertamente os candidatos do PMDB, o que tem sido feito diretamente por seu líder no Estado, Roberto Vivacqua. O PDT não tem expressão. (da sucursal)

PT se esfacela no Estado da Paraíba

As denúncias formuladas pelos próprios militantes do PT de que um de seus candidatos a deputado federal, José Izidro, estava sendo financiado pelo PDS, e a resposta de Izidro acusando o candidato a deputado Anísio Maia de também estar recebendo dinheiro de outros políticos, aprofundou a crise neste partido, fazendo com que muitos dos que o apoiavam desistissem de participar da campanha.

Mas a compreensão do momento político em que vive o país já havia feito com que lideranças combativas abandonassem a canoa furada do PT. Este é o caso de Renê Macaúbas, presidente do Sindicato dos Médicos da Paraíba. Renê diz que não se adaptou no PT uma vez que no seu interior predominava uma visão estreita. Sobre as eleições ele diz que "a luta do povo tem suas etapas e as eleições deste ano são uma etapa", o que não era compreendido pelo partido, que "não via o valor das eleições". Ele propôs que o PT não lançasse candidatos e fizesse uma aliança com o PMDB. Mas predominou o sectarismo e a estreiteza dos que colocam o interesse do partido acima dos



Renê Macaúbas, no PMDB

interesses populares.

Diante disto "não poderia ficar de braços cruzados e passei a apoiar os candidatos mais consequentes do PMDB, os que estão no Bloco Popular, representados nas candidaturas de Vanderley Caixe para deputado estadual e Simão Almeida para deputado federal".

Renê informou que a classe médica vai entregar ao candidato a governador pelo PMDB, Antonio Mariz, uma proposta de saúde para o povo. (da sucursal)

PDS quer dividir a corrupção

Em São Paulo até o presidente do PDS, Armando Pinheiro, ficou escandalizado com a utilização da máquina municipal pelo prefeito Salim Curiati para a campanha eleitoral do governo. Mas Armando Pinheiro, logo esclareceu por quê denunciava o crime eleitoral: "Recebi diversas reclamações contra a ação de Curiati em favor da candidatura de seu irmão". Pinheiro confessou ter manifestado pessoalmente ao prefeito o descontentamento de vários candidatos de seu partido em relação à "proteção" dada a Elias Curiati.

O descontentamento de Pinheiro não levará a uma apuração das irregularidades. Pelo contrário, a preocupação do presidente do PDS paulista e de outros candidatos governistas é porque ficaram de fora dessa "mamata", que beneficia mais aos que fizeram dobradinha com outro Salim, o Maluf, que tem ligações com Curiati. O episódio demonstra a imoralidade da campanha governista e a divisão crescente do PDS, "o partido dos desonestos e safados".



Cortar o mal pela raiz

O fato foi confirmado pelo Tribunal de Contas do Paraná: o candidato do PDS ao governo do Estado, que se aposentou no dia 25 de outubro de 1967, com 36 anos, seis meses e 18 dias de serviço, contava na época com 37 anos de idade! O esforçado candidato, que começou a trabalhar com cinco meses e 12 dias de idade, ganha 528 mil cruzeiros por mês de aposentadoria. Agora o Paraná quer cortar o mal pela raiz....

Prefeitura de unidade

Henrique Zanotelli, candidato a prefeito de Santa Teresa, Espírito Santo, distribuiu na sua campanha uma plataforma de "governo municipal democrático e de unidade popular". Para Zanotelli, "derrubamos definitivamente a oligarquia fascista que dominava a cidade e as urnas de 15 de novembro vão demonstrar isto".

Um golpe do PDS

Em Cabrobó e Araripina, sertão de Pernambuco, às vésperas de uma visita de Marcos Freire e Fernando Coelho, o PMDB local recebeu telegramas "assinados" pelos candidatos, adiando os comícios. Procuraram confirmação e descobriram: era um golpe do PDS. Mas não adiantou, pois a oposição juntou 4 mil pessoas para ouvi-la em Araripina e outras 4 mil em Ouricuri.

Professor perseguido

O secretário da Educação de Goiás, Manoel Nascimento, ajuda o governo na campanha eleitoral transferindo professores oposicionistas para escolas a mais de mil quilômetros de seus lares. Foi o caso de Dionísio Ferreira, transferido de São Francisco de Goiás para Xambioá, no extremo norte do país, e de Eleni Mendonça, jogada de Itaberaí para Goiânia.

Eliseu burla a lei

O candidato a governador pelo PDS de Minas, Eliseu Resende, burlou a Lei Falcão. Eliseu compareceu ao programa "O Povo na TV", da TV Alterosa, onde falou do seu programa político e da campanha eleitoral. O uso do cachimbo faz a boca torta, e o PDS abusa da irregularidades e nem procura esconder mais.

O caminho de Minas

Mais de mil professores universitários mineiros lançaram um manifesto em apoio ao PMDB e à candidatura de Tancredo Neves ao governo de Minas, dia 4. O manifesto dizia que "é preciso retomar o caminho de Minas. O caminho da liberdade. O caminho da insubordinação à opressão".

João pula para trás

João do Pulo, como é conhecido o candidato do PDS ao governo do Sergipe por seus pulos de partido para partido, ficou com apenas 23% do eleitorado na pesquisa de um jornal de Aracaju. Já o candidato do PMDB, Gilvan Rocha, ficou com 52%. Não é para menos. O PMDB tem feito grandes comícios, como o de Siqueira Campos, reunindo mais de três mil populares.

Permanece a intriga

Desiludidos com o PDS, vários candidatos e simpatizantes abandonaram o partido em três municípios do

Ceará: em Precheirinha o candidato a prefeito e oito vereadores, além de dois ex-prefeitos; uma facção em Pacoti; e o ex-prefeito de Aquiraz. Todos são unânimes: "Os interesses maiores dos municípios são relegados a plano secundário, permanecendo a intriga e a discórdia".

Fábrica de títulos

O PDS mineiro montou uma verdadeira fábrica de Títulos de Eleitor falsos. Em Belo Horizonte o cabo eleitoral governista "Cabo Rocha" foi flagrado fabricando títulos em sua própria casa. E um funcionário do Tribunal Eleitoral foi denunciado por fazer inúmeros títulos no "Comitê Eliseu Resende". O deputado Sylo Costa, na cara dura, disse que isso era um "serviço" de seu partido, o PDS, à comunidade. Que "serviço", hem?

O morro sabe votar

Algo novo acontece na favela do Morro do Timbau, em Bonsucesso, Rio de Janeiro: no dia 1º foi inaugurado o Comitê de Apoio aos candidatos populares do PMDB, Arlindenor Pedro (para vereador), Carlos Henrique (para deputado estadual) e Jorge Moura (deputado federal). O morro quer mostrar que é bom de samba e também é bom de voto.

Esportistas no PMDB

Zé Maria, do Corinthians, Chico de Jesus, campeão brasileiro de box, Odila Camargo, campeã brasileira de basquete, e Lars Bjorkstrom, medalha de ouro nas Olimpíadas de Moscou, foram alguns dos vários atletas e cronistas esportivos que manifestaram seu apoio à candidatura de Franco Montoro ao governo de São Paulo, pelo PMDB, dia 4. Na oportunidade, o candidato oposicionista anunciou seu programa na área dos esportes.

Oligarquia do general

Por que o general Ney Braga, o grande cacique do PDS paranaense, se esforça tanto para não perder o controle do poder no Estado? Uma parte da resposta está nesta denúncia da oposição: os irmãos, filhos, primos, sobrinhos e genros de Ney ocupam nada menos que 24 cargos — em geral regidamente remunerados — em empresas estatais ou fornecedoras e concessionárias do Estado paranaense. É o que se chama oligarquia familiar.

Povo garante comício

No dia 2, Eduardo Bomfim, Renan Calheiros e Cleto Falcão, candidatos do PMDB alagoano, faziam um comício na praia da Jatiúca quando um trio-elétrico do PDS, a todo volume, começou a sabotar seus discursos. Pediram que baixasse o som estridente, mas nada. Foi quando o povo cercou o caminhão e explodiu numa formidável vaia: até os provocadores puxaram o carro.

Voto camarão no sertão

O governo está apavorado com o crescimento do PMDB na região do sertão de Alagoas — conhecida como antigo reduto eleitoral do PDS. Alguns pedesistas apavorados nem fazem mais campanha dos seus candidatos majoritários, falando em voto camarão. Reflexo desta mudança do eleitorado é que em Água Branca e em Delmiro Gouveia o PMDB reuniu milhares de pessoas num comício.

Alagoas apóia o PMDB para vencer o governo

A revista Veja publicou pesquisa do Instituto Gallup, onde afirmava que em Alagoas "surpreendentemente" o cacique do PDS local perdia para o candidato do PMDB ao governo, deputado José Costa. Surpreendentemente para quem não vive a campanha alagoana. O próprio governo já havia se apercebido disto, tanto que enviou o ministro Andreazza para comprar alguns descontentes do PDS e dar pres-

tígio ao partido. Nada feito. Até o comício do PDS em Palmeira dos Índios não teve público para ser realizado.

Com forte engajamento popular e democrático em torno das candidaturas populares e das majoritárias do PMDB, o povo de Alagoas dá passos para infligir uma derrota ao regime militar. Em todas as regiões do Estado milhares concentram-se para ouvir os comícios oposicionistas. Na capital várias categorias procuram organizadamente o candidato a governador para colocar suas reivindicações e prestar o seu apoio.

Muito ainda resta ser feito. O movimento popular precisa engajar mais e mais ativistas na campanha eleitoral para eleger os candidatos majoritários e os seus próprios candidatos, expressão do avanço das lutas nos últimos anos e garantia de um suporte para o futuro destas lutas.

Enfim, chegamos à reta final da batalha eleitoral, a grande luta política de hoje. Quem não se engajar agora perderá espaços fundamentais para o amanhã. Transformar em votos o indiscutível repúdio popular a este regime de fome é a grande tarefa em todos os cantos do país.

(Eduardo Bomfim, candidato do Bloco Popular do PMDB a deputado estadual)



Bomfim: "um suporte para o futuro"

Operários constróem sua comissão na Ford

O refeitório da multinacional americana de automóveis, Ford, no bairro paulista do Ipiranga, ficou repleto de operários, uns 500, na tarde do último dia 30. Bastante animados, comemoraram a posse dos dez metalúrgicos que compõem a sua *comissão de fábrica*, com estabilidade no emprego e a tarefa de organizar os trabalhadores nesta trincheira de luta.

A história da conquista da legalização da Comissão de Fábrica da Ford é rica em lutas, servindo de experiência para os operários das demais empresas. Desde março de 1981 os metalúrgicos iniciaram um processo árduo e persistente de construção da Comissão, fazendo pequenas reuniões nos vestiários. Todas as pequenas reivindicações dos operários foram tratadas com carinho pelos que vanguardavam o processo.

A primeira mobilização foi em torno da exigência do pagamento de 100% pelas horas-extras. Mais de 500 processos foram abertos

contra a empresa, conquistando-se o exigido. A vitória dos metalúrgicos da Ford de São Bernardo, que fizeram greve e conquistaram a sua comissão, deu um grande impulso na fábrica do Ipiranga. "Quando os empresários aceitaram a comissão do ABC a gente aproveitou a brecha", conta Lúcio Antônio, coordenador da Comissão. Em apenas cinco horas correu um abaixo-assinado na empresa, colhendo mais de 800 assinaturas, sem a chefia notar, exigindo a legalização da comissão no Ipiranga. Ele foi entregue na posse da comissão de São Bernardo, o que

deixou os patrões irritados com a iniciativa dos operários.

CONQUISTAR ESPAÇO

Quando se negociava a legalização da Comissão, a empresa demitiu oito operários, o que exigiu dos 15 trabalhadores que compunham a comissão provisória uma ação rápida. Na madrugada seguinte boletins foram distribuídos falando em greve. A firma recuou, buscando os demitidos em casa. "A partir daí a Comissão ganhou respeito e conquistou sua estabilidade, na marra", afirma Benedito Taoni, membro da Comissão.

LIGADA AO SINDICATO

A Comissão também passou a participar mais do Sindicato, exigindo um posicionamento claro de apoio da diretoria da entidade. "O pessoal da Ford tem muitas restrições à diretoria atual. Mas nós fomos lá para dentro, organizados, participando. O Sindicato alugou uma sub-sede próxima à firma, passou a rodar os nossos boletins", conta Marcos José.

Lúcio explica a posição da Comissão quanto ao Sindicato: "Nós defendemos a autonomia da Comissão para lutar pelos problemas internos da firma, mas não queremos ter um Sindicato paralelo. Nas lutas de toda a categoria quem dirige é o Sindicato e as assembleias gerais. Temos que fortalecer a nossa entidade, mesmo tendo restrições à diretoria. Não vamos lá fortalecer os homens que a dirigem".

Ao final das negociações com o patronato ficou acertado que a Comissão terá dez membros, todos com estabilidade até dia 31 de dezembro de 1985 — dois de gestão e um de segurança. E para atingir toda a fábrica, ela foi dividida em quatro distritos. (Altamiro Borges)



Na gigantesca Ford do Ipiranga os dois mil operários estão organizados.

14 famílias ocupam terreno para morar em Venda Nova

Sem condições de pagar aluguel, 14 famílias ocuparam um terreno vazio no bairro de Piratininga, em Venda Nova, dia 26 de setembro. Mas no decorrer da semana apareceu um misterioso dono do terreno, que mora atualmente em Paris. Seu procurador, o candidato a vereador pelo PDT, Jacinto Alves Pereira tentou desalojar as famílias, mas não conseguiu. Mas no dia 4 de outubro os policiais derrubaram os barracos.

Piratininga é um bairro perdido na grande Belo Horizonte e como tantos outros locais de periferia, vive abandonado. Dona Herculina, uma das primeiras a construir seu barraco no terreno ocupado explica a sua situação: "Meu marido é motorista e ganha salário mínimo. Não dá para pagar aluguel". Ela está morando no barraco de madeira com seu marido e os quatro filhos. O servente de pedreiro Sebastião Pereira está numa situação ainda pior: "Tenho 10 filhos, minha mulher é lavadeira e ainda moram lá em casa um genro e um neto. Pagava 7 mil cruzeiros por um barraco de três cômodos".

CRIANÇAS NOS BARRACOS

No dia 2, sábado, Jacinto Alves Pereira trouxe um caminhão com 20 homens para derrubar todos os barracos. Pagou dez mil cruzeiros para cada homem fazer o serviço. Mas as pessoas contratadas por Jacinto desistiram de derrubar os barracos quando viram que moravam várias crianças. Um deles, Geraldo Ribeiro de Melo explicou porque desistiu da sua tarefa: "Fiquei com vergonha quando vi esse povo morando em barracos tão pequenos. Não volto mais aqui".

Jacinto Alves não apresentou escritura do terreno, mas a polícia fez o trabalho que seus homens não conseguiram. No dia 4, o terreno foi invadido por policiais, que derrubaram todos os barracos, exceto o de dona Herculina. Mas os moradores não se acovardaram: as 13 famílias dormiram ao relento e na manhã seguinte procuraram um advogado. Eles já fizeram um abaixo-assinado ao prefeito de Venda Nova exigindo um lugar para morarem e ajuda em material de construção. (da sucursal)



Ocupantes festejam a conquista da terra. Foto menor, o vereador Cintra

A festa pela posse da terra no 1º de Outubro

Os ocupantes do Jardim 1º de Outubro, na Zona Leste de São Paulo, fizeram uma grande festa para comemorar seu primeiro aniversário no local. Os moradores fizeram a comemoração com apreensão, pois no vizinho Jardim São Paulo, na mesma semana, a polícia desalojou mais de 400 famílias e derrubou suas casas. Toda noite, três pessoas ficam de guarda nos três pontos de entrada do Jardim 1º de Outubro, a fim de alertar os moradores com um rojão, caso apareça a polícia.

A chuva que caiu na manhã do dia 2 não tirou o ânimo dos moradores para a festa. As 15 horas começaram as festividades. Teve corrida com o ovo, pau de sebo, quebra do pote, forró, além de salgadinhos para todo mundo. Maria Nascimento Bernardes, conhecida por todos como "Vó", fez um grande bolo, com uma casinha em cima. No seu barraco de um cômodo só, várias pessoas a ajudavam a terminar o bolo, enquanto ela afirmava: "Esse bolo aqui representa a nossa vitória". Vó foi das primeiras pessoas a ir morar ali e enfrentou todas as dificuldades, apesar da sua idade avançada.

"OCUPAÇÕES COM LUTA"

No dia 1º de outubro de 1981, 300 famílias ocuparam um terreno vazio no Jardim Robru. Uma semana depois 800 policiais os expulsaram e vários deles vieram para o local onde hoje é o Jardim

1º de Outubro. Ivã Lopes de Souza, o **bombeiro**, foi quem construiu o primeiro barraco e com seu jeito modesto fala da luta pela casa: "Chegamos aqui era um matagal danado e a gente matou muita cobra. Me lembro que no dia 12 de outubro a TV Globo entrevistou aqui várias crianças e todas elas diziam que queriam receber como presente uma casa. Numa manhã a polícia nos acordou dizendo que tínhamos que sair. Mas nós resistimos e não saímos".

Benedito Cintra, vereador do PMDB, que esteve desde o início dando seu apoio à luta dos ocupantes, afirmou em seu discurso na festa do dia 2: "Em São Paulo todas as ocupações de terra foram feitas com luta e com união. Nós queremos um Brasil onde cada um tenha uma casa e em que a terra seja dividida".

No espaço de um ano foram levantadas 674 casas e muitos moradores deixaram de comprar comida para adquirir material para construir sua casa. O operário Elgito está nesta luta desde o começo e foi muito aplaudido quando afirmou: "Essa data é um marco de luta, porque tomamos a terra pela força. Mas essa luta não vai terminar com a conquista da casa. Ela vai terminar no dia que terminar a exploração do homem pelo homem, quando todos tiverem direito ao trabalho e moradia, com a instauração do socialismo".



Clarinha, a primeira mulher a presidir a União Nacional dos Estudantes

A UNE mostra a sua força e vitalidade

Um congresso vitorioso pelas propostas aprovadas, pelo bom nível político, pela representatividade e pela sua organização. Assim foi o 34º Congresso da União Nacional dos Estudantes, presidido por Javier Alfaya em Piracicaba, no início do mês. No Congresso foi eleita, pela primeira vez, uma mulher para presidir a UNE: a baiana Clara Araújo.

Saltou aos olhos de todos a grande vivacidade do movimento estudantil no Congresso de Piracicaba. A maioria dos 2.364 delegados era formada por estudantes que pela primeira vez participavam de um congresso da UNE. O grande número de entidades democráticas e a totalidade dos partidos de oposição, além das entidades internacionais, que saudaram ou estiveram presentes à abertura do Congresso demonstraram bem a legitimidade e representatividade da UNE.

Estudantes devem votar na oposição, contra o governo

Neste Congresso as discussões e votações do temário foram feitas por blocos de propostas, e não item por item. Assim, na discussão da situação política nacional foi aprovada a proposta de Osmar Pires, da Universidade Federal de Goiás (eleito, no Congresso, para a nova diretoria da UNE), que considera que "assim como a classe operária, também os estudantes estão distanciados do regime militar. Vivemos sob o tacão do arbítrio, e as próximas eleições não se dão em clima de liberdade. Pelo contrário, estão repletas de casuismos. Mesmo assim, são uma vitória do povo brasileiro. Nesse sentido, a UNE deve apontar o voto na oposição, contra o PDS. Preservando seu caráter apertadário, mas não deixando de indicar aos estudantes como utilizar seu voto contra o regime".

As lutas da UNE pelo ensino público e gratuito e contra o ensino pago, dentre outras, a realização de um Seminário Nacional para estudar a proposta de reformulação da universidade do MEC, a realização de uma Conferência Nacional pelo Ensino Público e Gratuito e Contra o Ensino Pago, e uma Campanha pelo Reconhecimento da UNE, além da continuidade da luta pela naturalização de Javier Alfaya, foram reafirmadas.

No campo organizativo, o grande marco deste Congresso foi a volta da formação de plenárias por bancadas estaduais, e não por bancadas de correntes políticas. Como afirmou Clara Araújo, "a UNE é uma entidade de massas e congrega as entidades estudantis do país. É representativa dos estudantes, e não das correntes políticas".

O Congresso destacou-se pela aprovação das propostas mais justas e mais amplas, aprovadas

Ação divisionista e sectária

A atuação divisionista e desagregadora de certos grupos filiados ao PT não conseguiu se impor à plenária do 34º Congresso da UNE. A direção firme de Javier, e a decisão dos estudantes de realizarem um congresso exitoso impediu que os divisionistas emperrassem os trabalhos.

Logo na abertura do Congresso, enquanto as bandeiras de Piracicaba, da UNE e do Brasil eram hasteadas e todos cantavam o Hino Nacional, um grupo de petistas começou a gritar palavras de ordem provocadoras. E quando representantes dos vários partidos de oposição saudavam o Congresso, o grupo viajava, e só parou durante a falação do representante do PT.

Integrantes da corrente "Liberdade e Luta" tentaram impedir a própria realização do Congresso, questionando o credenciamento de delegados, realizado por várias entidades estudantis, inclusive algumas sob direção de petistas. Desrespeitando o conjunto do Congresso, facções petistas formaram cordões de isolamento para impedir que vários estudantes se juntassem às suas delegações, em

cumprimento à decisão de agrupar as delegações por Estados.

Desesperados diante das derrotas que se acumulavam, os divisionistas chegaram a tachar Javier de "pelego", "fascista" e "manobrista", durante a votação das propostas relativas ao item "A Crise do País e as Eleições de 82". Após quatro votações, nas quais Javier apresentou vitória das propostas apresentadas pela diretoria da UNE, os divisionistas ainda exigiram contagem de votos — o que confirmou os resultados anunciados pelo presidente da UNE.

A ação desagregadora das frações mais sectárias do PT só terminou com o encerramento do Congresso: Clarinha fazia seu primeiro discurso como presidenta da UNE, e os bandos divisionistas, numa atitude machista, dirigiam-lhe assovios e chacotas... Mas ao final do Congresso os divisionistas saíram cabisbaixos do Ginásio de Esportes de Piracicaba. Como reconheceu um dos integrantes da "Liberdade e Luta", "a diretoria da UNE retomou o espaço perdido no CONEB de Minas Gerais. Nós (da Libelu) demos um passo atrás".



A bancada divisionista no Congresso da UNE

pelas correntes democráticas do movimento estudantil, onde se destaca a corrente **Viração**, à qual pertencem Javier e Clara Araújo. O 34º Congresso da UNE reafirmou uma vitória dos estudantes e reforçou o movimento democrático e popular.

Clara Araújo, a primeira mulher a presidir a UNE

As intensas discussões políticas travadas no Congresso vararam a madrugada de domingo para segunda, e pouquíssimos estudantes deixaram a plenária. Pela manhã de segunda foi realizada a eleição da diretoria da UNE. Contra a ação de grupos divisionistas (veja box abaixo), que queriam fazer do

levar a entidade, a chapa encabeçada pela baiana Clara Araújo — batizada "Chapa Unidade-Javier Alfaya" — foi eleita por esmagadora maioria de votos para a direção da entidade.

Clarinha tornou-se, assim, a primeira mulher a presidir a UNE. Perante a plenária entusiasmada, Javier considerou sua vitória como "a verdadeira vitória" das mulheres brasileiras. Uma vitória da luta contra o ensino pago e contra o arbítrio. Agora, contra a "dama do ensino pago", a ministra Esther Ferraz, imposta pelo general Figueiredo, os estudantes elegem a dama do ensino público e gratuito.

O vitorioso Congresso da UNE, presidido — contra a vontade dos generais — por Javier Alfaya, demonstrou, na prática, que o movimento estudantil não está em crise. Ao contrário, cresce em re-

CDU
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Povo de Osasco não vai a comício do PDS

O presidente Figueiredo esteve aqui em Osasco, São Paulo, no último dia 15, para inaugurar duas emissoras de rádio. Deu uma para o candidato a prefeito, Francisco Rossi e outra para José Camargo, candidato a deputado federal, ambos do PDS.

Em sua gestão de dez anos atrás, o Francisco Rossi não fez nada, a não ser construir um salão de luta de box. Não construiu nem sequer um posto de saúde. Aqui precisa impetrar um mandato de

segurança em cima do Rossi e do José Camargo... E criar uma comissão para apurar as irregularidades, pois eles estão usando até perua escolar para a campanha do PDS.

Hoje, dia 21 de setembro, foi feito um comício no Jardim Helena. O Rossi convidou os cantores Mauro Celso e Newton para atrair a atenção do público, que não atingiu 500 pessoas. Tudo indica que as eleições estão perdidas para o PDS.

No discurso, Rossi disse que implantou a organização dos hospitais, a merenda escolar. Mas eu tenho certeza de que ele não fez nada, a não ser levar dinheiro do cofre público. Havia cerca de 500 pessoas na praça mas apenas 40 ou 50 aplaudiram o discurso do pessoal do PDS. Estou ajudando a campanha do PMDB, que está forte, e acredito que se o Montoro ganhar o Estado vai mudar. (V.A.P. — Colaborador da TO em Osasco — São Paulo)

Corruptos promovem festival de emprego

O desespero toma conta do PDS de Alagoas.

Começam a ficar cada vez mais claras, à medida que a campanha esquentar, as condições de vitória do PMDB, fato reconhecido até mesmo por integrantes do partido governista.

Alagoas tem 100 mil menores abandonados e número igual de mulheres que lançam mão da prostituição por não terem onde trabalhar. Mais de 50% da população economicamente ativa, ganha em torno de um salário mínimo regional. O êxodo rural aumenta de ano para ano, à medida que cresce o latifúndio.

A corrupção atingiu escalas nunca vistas no Estado, desde os rombos financeiros deixados pelo corrupto governo do biônico Divaldo Suruagy (candidato do PDS ao governo) até o recente governo de Guilherme Palmeira (atual candidato a senador pelo PDS), onde a corrupção foi desde o Banco do Estado até o Inamps.

Em desespero de causa, o PDS manobra. Na Fundação Educacional de Maceió-FEMAC, o ex-prefeito biônico de Maceió e candidato a deputado federal (filho do senador biônico Arnon de Mello), juntamente com o Presidente da FEMAC, Luitgard de Moura Figueiredo, fizeram um verdadeiro carnaval de emprego, chegando a quase 6 mil pessoas com salário médio de 57 mil cruzeiros, tentando salvar o PDS da derrota em novembro.

Só que já fazem cinco meses que a FEMAC não paga. A revolta tomou conta das pessoas que aceitaram estes empregos e prometem que vão votar no PMDB.

Este fato está sendo amplamente denunciado no Estado. Cresce a necessidade de união em torno do PMDB e derrotar o PDS e seus chefes da corrupção, Suruagy e Guilherme, e mostrar que com corrupção não se ganha eleição. (Apolinário Rebelo — Correspondente Eleitoral — Maceió - AL).



fala o POVO

Duas homenagens nas cartas desta edição: uma ao veterano líder comunista Maurício Graboïs, comandante guerrilheiro desaparecido há nove anos na selva do Araguaia; outra — de uma menina que mal havia nascido quando Graboïs desapareceu — dedicada à jovem metalúrgica paulista Lúcia Pogo, falecida em setembro. Os bons exemplos deixam raízes. Frutificam.

Camponeses baianos não deixam entrar o divisionismo

Reunidos em Santa Maria da Vitória, representantes de 17 sindicatos rurais, participaram do 2º Encontro Eugênio Lyra no oeste da Bahia. De repente, surgiu de paraquedas no Encontro o ex-trabalhador rural José Novaes, pretendendo usar o acontecimento para atividades pró-PT.

Não representando qualquer órgão de classe, não foi o sr. José Novaes convidado a participar deste Encontro. Apesar disto elementos do PT de Vitória da Conquista tentaram forçar a participação de Novaes. Os trabalhadores reunidos no Encontro decidiram proibir a participação de José Novaes. No encontro não havia ambiente para a política divisionista do PT.

É preciso que os petistas entendam de uma vez que os trabalhadores rurais, assim como os operários e outros setores sociais, desejam e muito derrotar o PDS e não dividir o movimento sindical ou o eleitorado. (O.S.R. — trabalhador rural presente ao Encontro — Bahia).

Apelo dos líderes sindicais à viúva de Eugênio Lyra

Lúcia Lyra, advogada e viúva do também advogado Eugênio Lyra, assassinado por grileiros em Santa Maria da Vitória, na Bahia, por defender intransigentemente os posseiros, decidiu sair candidata a deputada federal. Escolheu o PT, agremiação oposicionista, mas sem qualquer condição de disputar as eleições na Bahia.

Os trabalhadores rurais baianos, que entendem a necessidade de derrotar o truculento Antônio Carlos Magalhães e seu PDS nas eleições de 82, lançam um apelo para que dona Lúcia Lyra retire sua candidatura por um partido que confunde, divide os oposicionistas e ajuda a vitória do PDS na Bahia. Nós, dirigentes e trabalhadores rurais da região oeste do Estado da Bahia, pedimos a Dra. Lúcia Lyra que analise a que aventura está se expondo.

Esta candidatura é ligada a um passado cujas raízes se encontram em Santa Maria da Vitória. Com a derrota de sua candidatura a reação tentará mostrar que o povo esqueceu o passado de luta e sacrifício.

Fazemos um abaixo-assinado, não com o espírito de ajudar este ou aquele partido. Nosso interesse é somente de classe (Seguem-se 15 assinaturas — Santa Maria da Vitória Bahia).



Lúcia, morta aos 27 anos: deixou o exemplo

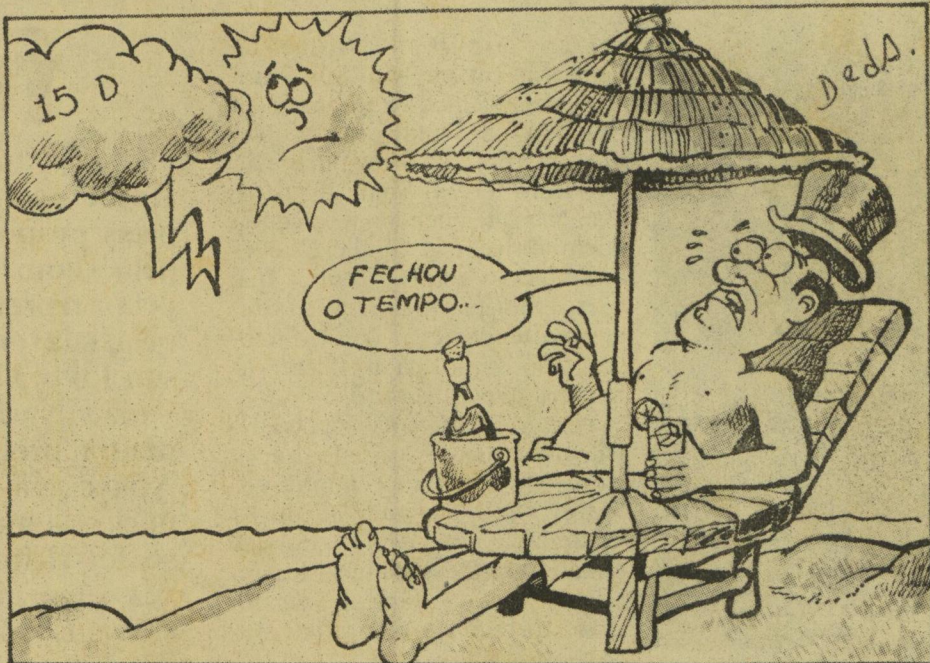
À Lúcia, sem medo!

Você não tinha medo de assombração e de coisas que nem existem, como eu tenho. A televisão infelizmente não é como você, dando sempre o exemplo para o povo e mostrando como o povo é sofrido e que a luta continua.

Você me ensinou a aproveitar cada pedacinho da vida e, quando o pedacinho é ruim, achar a coisa boa desta fase.

Você me ensinou que a gente tem um grande motivo para viver, que é a luta, e que mesmo com as piores coisas não devemos desanimar, devemos lutar para ter o nosso pedaço merecido e não temer as piores coisas. Lúcia morreu de câncer, mas morreu tranquila sabendo que o povo sempre vai lutar e seguir o seu exemplo.

Lúcia, fique tranquila, porque agora eu não tenho medo de assombração e de coisas que nem existem, como eu tenho. Nós vamos lutar e ganhar! (M.R.J. — 9 anos em São Paulo, SP)



Vai acabar a sopa do prefeito de Paramirim

Em 1976, foi eleito prefeito pela extinta Arena o sr. José Barbosa Leão, pela maioria de jovens que esperava o cumprimento de suas promessas.

No início do seu mandato, ele demonstrava ser uma ótima pessoa, mas isto durou apenas até o momento em que ele conseguiu fazer curras eleitorais e principalmente pagar suas dívidas pessoais. Logo conseguiu usar a cartilha dos fascistas do PDS, tentando transformar a Residência Estudantil de Paramirim, localizada em Salvador, em curral político. Desapontado por não conseguir seu intento, cortou a verba destinada pela Prefeitura, deixando os estudantes em desespero, principalmente no que se refere à situação alimentar.

Na continuidade de sua carreira de ditador fascista, ele destrói o campo de futebol. Mais tarde veio a destruir a praça do Rosário, construindo um auditório que até hoje está sem terminar, servindo de depósito de lixo. Usando de suas arbitrariedades,

ergueu na praça Santo Antônio um busto do ditador Antônio Carlos Magalhães, contrariando a maioria da população.

Em Caraíbas, vila de Paramirim, construiu uma delegacia onde logo depois a população descobriu um grande roubo por parte do sr. vereador do PDS Joaquim Dourado Sobrinho, braço direito do prefeito.

E como se não bastasse tanta ditadura, o prefeito constrói uma bela mansão com dinheiro do povo e obriga todos os vizinhos pobres a venderem suas casas, ameaçando de derrubá-las com o trator da Prefeitura, com tudo que estivesse dentro, até mesmo a família.

Nós, do movimento jovem do PMDB, estamos horrorizados com tanta injustiça e sendo ameaçados, proibidos de pregar cartazes do PMDB na cidade. Mas no dia 15 de novembro vamos dar um basta nesta ditadura, elegendo nosso candidato do PMDB. (M.J. — membro do PMDB de Paramirim, Bahia — BA).

Sindicato de Porto da Folha liberta 2 sócios

No dia 15 de setembro o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Porto da Folha, Manoel Rodrigues de Oliveira, foi preso injustamente, por defender o posseiro José Gomes da Silva contra seu irmão João Gomes da Silva. Desde dezembro de 1981 o Sindicato busca um acordo entre os irmãos, a pedido de José Gomes, sobre uma área de terra onde este morava há 12 anos, medindo 5 tarefas sergipanas.

Mas o caso acabou não se resolvendo, após ir inclusive para a Justiça. No dia 10 de setembro o presidente do Sindicato, juntamente com o José Gomes e um advogado, foram a Propriá para fazer ação de usucapião, já que a escritura do proprietário da terra era "fria". Mas no dia seguinte o juiz dr. Francisco Novais de Melo mandou até a casa do posseiro um escrivão da Justiça, para que José assinasse um recibo dizendo que tinha concordado com um acordo prejudicial ao posseiro. O José não assinou e no dia 15 o juiz foi até a casa do posseiro, com dois soldados, um cabo e um sargento, para forçar o posseiro a assinar o recibo. Como ele continuou se recusando e dizendo que estava com o Sindicato, o juiz alegou que o Sin-

dicato tinha impedido o acordo e mandou a polícia prender seu presidente e também o posseiro José Gomes.

Companheiros da comunidade entraram em contato com a FETASE, a CPT e outros amigos, inclusive o Frei Enoque, vigário da Paróquia, que conseguiu falar com o juiz e, acompanhado do promotor, dr. Gilson, constatar a ilegalidade da prisão. O juiz mandou, por telefone, soltar o presidente do Sindicato e deixou preso o trabalhador.

À noite foi marcada uma audiência do presidente do Sindicato com o juiz, à qual compareceram mais de 200 trabalhadores de Porto da Folha, dispostos a tudo. A sorte do juiz foi ele ter soltado o presidente do Sindicato antes da chegada dos trabalhadores. Daí o presidente do Sindicato antes da chegada dos trabalhadores. Daí o presidente do Sindicato exigiu a soltura do posseiro José Gomes, o que foi conquistado. Depois foi feita uma passeata pelas ruas da cidade até a sede do Sindicato. Assim eu fiquei ainda com mais coragem de defender a causa dos trabalhadores. (M.R.O. — presidente do Sindicato de Porto da Folha, Sergipe).



malária, e apesar também de ser membro da Comissão Militar, Graboïs era, antes de tudo, um combatente proletário. Seu lema era "quem não trabalha não come".

Preocupava-se muito com a formação política, teórica e ideológica dos novos dirigentes. Detestava aqueles que seguiam cegamente os dirigentes, lembrando os prejuí-

zos do prestígio para o proletariado.

Maurício Graboïs está desaparecido desde o dia 25 de dezembro de 1973. Seu heróico, sua vida de revolucionário, seu glorioso sangue derramado jamais serão esquecidos. Glória eterna a Maurício Graboïs. (De uma amiga e companheira de luta — São Paulo, SP)

saúde e um hospital público. Já fizemos várias assembléias, passeatas e fomos em caravana até a Secretaria de Saúde, com mais de 800 pessoas em onze ônibus alugados por nós. Fruto da nossa luta em abril foi publicado no Diário Oficial a concorrência para começar a construção dos centros. Mas depois nada foi feito. Pelo jeito o governo está desviando o dinheiro do povo para ajudar a maquiar o seu partido, o PDS. Mas ninguém se ilude mais com o governo. (Dos moradores da região, São Paulo).

Para exigir nossos direitos resolvemos organizar o Movimento do Posto de Saúde, exigindo quatro centros de

O povo quer posto de saúde

Apesar de pagarmos sempre em dia os impostos, sofremos na pele a falta de qualquer melhoria no bairro. Um dos principais problemas nos bairros de Vila Califórnia, Vila Bela, Vila Alpina e Jardim Independência é a precariedade da assistência médica. Só temos dois centros de saúde em toda a região, se é que assim podemos chamá-los.

O de Vila Califórnia funciona numa pequena garagem e só tem um médico, o Dr. Valter, que atende muito mal as crianças. Ele nem olha a

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A aliança com os camponeses

A base principal da frente única na atual etapa da revolução é a aliança da classe operária com o campesinato. O proletariado tem a tarefa de apoiar a luta dos camponeses pela liquidação do latifúndio e esclarecer o homem do campo que só um governo popular pode realizar uma reforma agrária radical que elimine o monopólio da propriedade da terra, característica central da estrutura agrária no País.

O projeto camponês é limitado à luta pela terra contra o latifúndio — o que não implica no fim do sistema capitalista. A classe operária ao incentivar esta luta revolucionária, não se detém no seu aspecto democrático. Junto com o proletariado rural, e com o semi-proletariado, a classe operária precisa demonstrar que a pequena propriedade camponesa é insuficiente para a libertação social das massas do campo — isto só será alcançado com o avanço para a propriedade coletiva socialista.

MASSAS CAMPONESAS

Os trabalhadores do campo não são uniformes. Os camponeses pobres em geral trabalham a terra pagando renda ao latifundiário e são obrigados a alugar a sua força de trabalho por salários miseráveis durante uma parte do ano. Os pequenos e médios proprietários, além de terem pouca terra, quase não têm acesso ao crédito rural e encontram grandes dificuldades para armazenar e comercializar seus produtos. Os posseiros — em geral pequenos e médios camponeses — vivem ameaçados pela grilagem. Os bóias-frias, e diversas outras camadas semi-proletárias, são na maioria camponeses arruinados ou expulsos de suas terras, que vivem jogados de um lado para o outro, sem os mínimos direitos, brutalmente explorados na época das safras e depois atirados nas periferias das cidades sem condições de ganhar pelo menos os meios mais essenciais para seu sustento. Todas estas camadas sem terra ou com terra insuficiente estão diretamente interessadas na reforma agrária e na luta contra o regime atual.

EMPRESAS CAPITALISTAS

Com a penetração do capitalismo no campo, desenvolveu-se a camada dos camponeses ricos, ligados principalmente à produção de hortigranjeiros, de soja e à suinocultura. Utilizam máquinas e implementos agrícolas e trabalhadores assalariados — mas uma boa parte apóia-se no trabalho familiar sem empregar mão-de-obra assalariada. Desenvolveu-se também a empresa agropecuária capitalista e a grande burguesia rural — muitas vezes ligada à indústria e ao capital financeiro. As empresas multinacionais, como a Volkswagen e outras, também se expandem no campo com empresas agropecuárias, utilizando-se dos generosos incentivos governamentais e da impunidade para expulsar os posseiros da terra.

Como contrapartida deste crescimento capitalista, desenvolveu-se também o proletariado rural nas usinas e empresas agropecuárias. É uma força ainda bastante recente, pouco organizada e que permanece fortemente ligada à sua origem camponesa.

A POLÍTICA OPERÁRIA

Nesta etapa o alvo central do ataque da revolução é o latifúndio. Em torno desta luta é possível unir todos os trabalhadores do campo e conquistar o apoio dos camponeses ricos e até de parte da burguesia rural. Estes setores vivem estrangulados pelo latifúndio aburguesado, que controla o crédito rural, os favores governamentais e a política de preços mínimos, e pelas empresas multinacionais. Com a vitória da revolução, para passar da democracia popular para o socialismo, haverá uma nova correlação de classes onde os camponeses ricos e a grande burguesia rural lutarão para manter o capitalismo no campo. A seguir, a luta pela hegemonia operária na revolução.

Novos cartolas no rumo: “esporte é lucro”

Depois da reunião dos cartolas, a outra espécie de “urubus de casaca” que pulula no futebol brasileiro fez o seu conclave no I Debate Nacional de Marketing Esportivo. Também neste encontro as discussões e deliberações não apontaram nenhuma proposta de fortalecimento do esporte. Num idioma diferente, o “marketinguês”, repetiram as mesmas preocupações dos cartolas: como ganhar dinheiro fácil com o esporte.

Os caminhos do futebol foram discutidos em São Paulo numa reunião de cerca de 300 representantes de redes de TV, agências de publicidade, anunciantes, dirigentes de clube e profissionais de imprensa. O debate serviu, sobretudo, para materializar uma polarização que vem crescendo entre os dirigentes esportivos, colocando de um

lado os cartolas tradicionais e os modernos de outro. O grupo tradicional é composto por dirigentes antigos na vida política dos clubes e invariavelmente transitam também pelos corredores da política oficial, exercendo mandatos legislativos ou ocupando cargos importantes na administração pública, sempre se prevalecendo do prestígio

obtido no esporte para fazer carreira fora dele. O segundo bloco é formado pelos novos cartolas, do tipo Márcio Braga, ex-presidente do Flamengo, e Adilson Monteiro atual diretor de futebol do Corinthians. Gostam de apresentar-se como modernizadores do futebol, e conversam fluentemente sobre investimentos, marketing, planejamento, rentabilidade, retorno, etc.

Uns como os outros, porém, têm a mesma expectativa e planos da mesma natureza para o futebol: os fabulosos lucros que ele pode proporcionar. Os modernos registram-os em gráficos, tabelas e relatórios; os tradicionais fazem as continhas na caderneta de bolso mesmo, e assim tudo se renova para permanecer igual.

Ao final do Debate de Marketing Esportivo, como não poderia deixar de ser, a principal conclusão foi a “necessidade de acabar com a influência dos políticos profissionais no esporte”. Esse parece ser o principal obstáculo para que os modernizadores do futebol instalem out-doors sobre as traves, preguem adesivos no uniforme dos jogadores até confundí-los com um carro de competição e organizem desfiles de ursos fantasiados de garrafa de Coca-Cola no intervalo das partidas.

Dias depois, no Corinthians, o renovador Adilson Monteiro vibrava com os 5,2 milhões de cruzeiros que o clube iria faturar com o cachê e a transmissão de uma partida contra o Peñarol, no Uruguai. Já o técnico Mário Travaglini, nem tradicional e nem moderno, mas sim esportista, lamentava o “jogo inoportuno, difícil e perigoso, que expõe o time a contusões e esgotamentos que podem nos prejudicar no Campeonato Paulista”.

(Jessé Madureira)



Novos cartolas reunidos: os modernos métodos do lucro



Telê Santana: fugindo da pressão dos microfones e buscando a paz dos dólares na Arábia

Telê troca a seleção por petrodólares “honestos”

Apenas Zagalo e Vicente Feola conseguiram dirigir a seleção brasileira de futebol em duas Copas do Mundo. Ambos venceram uma, Feola em 58 na Suécia, e Zagalo em 70, no México. Mas foram também os patrocinadores dos dois maiores vexames da nossa seleção em campeonatos mundiais, os desastres de 66 na Inglaterra e 74 na Alemanha.

Telê Santana, não tendo conseguido vencer na Espanha, dificilmente teria a sorte dos demais perdedores, sempre crucificados após os fracassos. Mesmo contratado até dezembro e sabendo das intenções dos atuais dirigentes da CBF em não dispensá-lo,

uma vez que a entidade está às vésperas das eleições para renovação da diretoria, Telê pediu demissão. Acabou, assim, melancolicamente a maré de de murmúrios e boatos que circulavam desde o fim da nossa participação na Copa.

Pelas poucas declarações que o ex-técnico concedeu desde então, e pelo obstinado recolhimento a que se impôs, conclui-se a derrota fê-lo demasiado abatido e magoado. Em sua última entrevista antes de demitir-se, Telê chegou a dizer que “é impossível uma pessoa honesta dirigir a seleção nacional e fazer um bom trabalho”. Mostrava-se então inconformado com as

críticas da imprensa, que ele qualificava de “pressões” e dizia-se incompreendido nos seus métodos de trabalho. Justamente ele que foi o único técnico recebido com a aclamação no Brasil, por parte da imprensa e da torcida, depois de uma campanha fracassada em Copa do Mundo.

Mas como não há mal que sempre dure, Telê já firmou um contrato milionário na Arábia Saudita, e partiu para o retiro acolhedor temperando o seu rancho em petrodólares. Ao mesmo tempo, eleva-se em muitos graus as especulações acerca do próximo “desonesto” que comandará a seleção. Minelli e Carpeggiani lideram as prévias. (JM)



ITAMAR CORREIA

O disco de Itamar é uma homenagem às vítimas do autoritarismo

O Araguaia na poesia de Itamar Correia

Araguaia meu Brasil é um show, um livro de poesias, e agora também um disco, de produção independente. O autor, Itamar Correia, emocionado com a perda de um amigo de infância, fez, com arte, uma homenagem ao companheiro. Uma homenagem que ele tem mostrado nos palcos e também no 34º Congresso da UNE, quando a Tribuna o entrevistou.

TO — Como surgiu esse trabalho?

Itamar: Ele é um pedaço da minha vida. Um pedaço correspondente ao período 1969-72, imediatamente posterior ao AI-5. Nessa época vi companheiros e amigos, com um grande desprendimento, se atirarem numa luta desigual contra a opressão, pela liberdade. Eu era secundarista, e um colega foi dado por desaparecido, o Marco Antônio Dias Batista. Um garoto de apenas 15 anos, assassinado pela repressão. Na época um companheiro me disse que ele havia ido para a Guerrilha do Araguaia, mas ninguém chegou a confirmar isso. Depois descobrimos o assassinato. Esse trabalho, *Araguaia Meu Brasil*, está longe de ser a retratação da época. Mas é o registro de como eu vi e senti esse período.

Um show que fala da beleza e da luta do Araguaia

TO: Como é o show?

Itamar: É uma coletânea de trabalhos meus. Minha admiração pelo Araguaia é antiga. Tanto pelo aspecto turístico quanto pelo social. Afinal, lá se desenvolveu a famosa Guerrilha do Araguaia, e até hoje é área de grandes conflitos. O disco apresenta quatro músicas, cujas letras constam, junto com outros poemas, no livro.

TO: O governo até hoje não aceita que o povo discuta a história da luta na região do Araguaia. Com seu show houve algum problema?

Itamar: Esse governo é um inimigo jurado da liberdade, tanto da liberdade política quanto da liberdade de criação. Logo na estreia do show, no Teatro Goiânia, em 24 de junho de 1980, a repressão cortou os pneus dos carros ali

Xambioá

Xambioá
Mata virgem, escura, foi lá
Que no meio do mato
Um amigo de infância
Tentou começar

Ah! Foi por lá
Onde o povo sofreu
pra contar
Como um jovem sozinho
Valia por trinta
Em qualquer lugar

Eh! Araguaia
Rio manso pra se navegar
Quando o braço da gente
Abraça a nascente
E o novo raiair

Eh! Marabá
Altamira, Estreito, olhem lá
Ainda brilha até hoje
A vida do povo
Que morreu por lá

Ei! Meu irmão
Você fez renascer o sertão
E o maior contingente
Não viu o tamanho
Do seu coração

Pedra não pára o caminho
Fogo não queima o luar
Eu já não canto sozinho
Canto em Xambioá

estacionados, intimidou o público com o corte da energia elétrica, e ainda apareceram pessoas com revólveres na cintura, andando pelos camarins. É um absurdo! Um absurdo igual a esse de apreenderem a *Revista do Araguaia*, processarem jornalistas, e tantos outros absurdos.

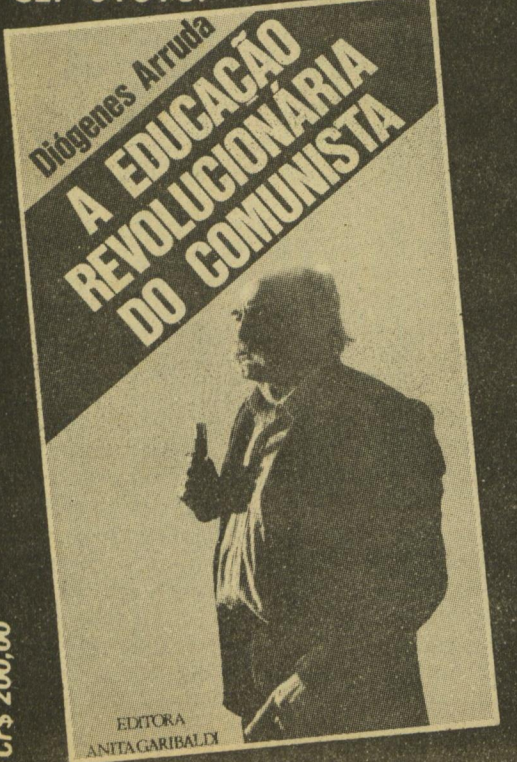
Show realizado no escuro por causa da repressão

Mas apesar de toda a repressão, realizei o show, que foi em homenagem ao Marco Antônio. O show foi realizado totalmente no escuro. Felizmente o trabalho dispensa recursos eletrônicos. Sempre trabalhei com poucos recursos técnicos, porque no interior, a nossa condição de trabalho é pequena.

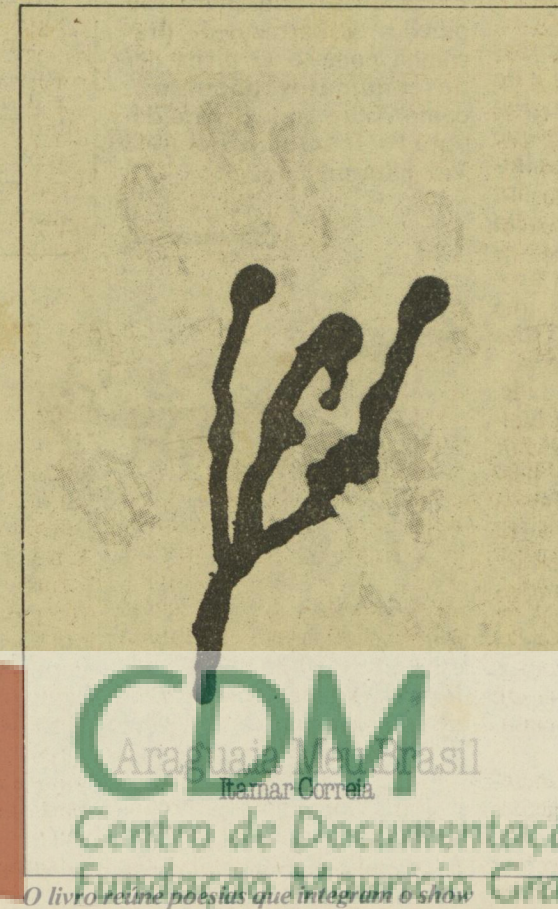
TO: Quem estiver interessado, nesse seu trabalho, como deve fazer?

Itamar: É a dificuldade do trabalho sem recursos financeiros, não é? O disco é produção independente, e o livro é de uma editora de Goiás. Então, quem quiser tanto um quanto o outro, ou ainda marcar uma apresentação do show, deve entrar em contato comigo. Bairro Feliz. Telefone: 22511229.

Uma coletânea de artigos de Diógenes Arruda sobre a estrutura do partido leninista e formação de revolucionários. Pedidos à Editora Anita Garibaldi, Trav. Brig. Luiz Antonio, 53, São Paulo, SP, CEP 01318.



Cr\$ 200,00



Montoro com Aurélio na porta da fábrica

Os operários da grande metalúrgica MWM, aos gritos de "Montoro! Aurélio!", marcaram o ponto alto da caravana do PMDB que percorreu as fábricas da Zona Sul de São Paulo, durante toda a terça-feira passada. Ficou comprovado: operário vota contra o governo da fome, vota no PMDB.



O PMDB vai à porta da Villares: oposição para valer

Os do PT, sempre os mesmos

A caravana pelas fábricas da Zona Sul paulistana confirmou o favoritismo do PMDB. A porcentagem de votos para o PDS é ridícula. Os janistas, também em número reduzido, são quase sempre da velha guarda dos que já eram eleitores em 1960. O partido que buscou um enfrentamento com os candidatos peemedebistas foi o PT.

A partir do meio dia, um pequeno grupo de petistas — sempre os mesmos — passou a acompanhar os candidatos oposicionistas de fábrica em fábrica, utilizando-os. Na porta da Villares chegou até a ensaiar um começo de vaia a Montoro, mas desistiu quando o senador indagou a eles se até na fábrica a

oposição teria que enfrentar a Lei Falcão. Um membro do mesmo grupo apartou Montoro sobre a famosa questão das aposentadorias, e recebeu outra resposta demolidora: "Esta foi a mesma pergunta que o Maluf mandou o Reynaldo de Barros fazer-me na televisão" — disse o candidato do PMDB, esclarecendo em seguida que aposentou-se após 35 anos de magistério.

Ao final, estava claro que o PMDB não só é o candidato da maioria dos operários como pode ampliar arrasadoramente sua vantagem até 15 de novembro, desde que saiba captar o sentimento oposicionista vindo das fábricas.

A caravana organizou-se desde as primeiras horas da manhã, promovendo uma verdadeira peregrinação pelas grandes fábricas da principal concentração industrial da capital paulista: Amortex, MWM, Bayer, Villares, Metaleve, corredor da Wallita, Rolex. Só encerrou-se na boca da noite, às 19:30 horas, com um comício diante da Monark.

Sempre ao lado de Franco Montoro, Orestes Quêrcia e Almino Affonso, candidatos a governador, vice e senador pelo PMDB, o deputado federal operário Aurélio Peres — ele próprio com longos anos de residência e de trabalho como metalúrgico ferramenteiro na periferia sul de São Paulo — mostrou seu considerável poder de fogo eleitoral. Acompanhado de outros candidatos populares — como o jovem Arnaldo Alves, também metalúrgico, que concorre à Câmara dos Vereadores — foi Aurélio quem abriu os discursos na porta das fábricas, apresentando os candidatos majoritários.

"A classe operária hoje tem que se jogar na política"

Ouvindo pela Tribuna, Aurélio avaliou o sucesso da iniciativa tendo em vista três aspectos. "O primeiro — disse — é que a classe operária de São Paulo realmente ainda não está totalmente definida em relação aos candidatos para as eleições de 15 de novembro. E a presença dos candidatos majoritários na porta das fábricas ajuda a definir o quadro para aquela parcela indecisa, que toma posição em favor do PMDB". "Um segundo aspecto —



Aurélio Peres: conhecido nas fábricas graças a um trabalho de anos e anos junto à sua classe

prossegue o deputado-operário — é que uma caravana assim cria um fato político. Leva para a fábrica uma discussão política, o que é de grande importância, porque eu acho que a classe operária não pode hoje ficar só nos problemas do dia-a-dia, na discussão do desemprego, da carestia, do salário. Tem que se jogar — e está se jogando — na discussão dos grandes problemas políticos do país.

"Há ainda um terceiro aspecto — diz Aurélio. Como os operários formam um setor mais avançado da oposição, que exige mudanças profundas, a presença na porta das fábricas obriga os candidatos a politizar e apro-

fundar o seu discurso. Terça-feira, por exemplo, palavras de combate direto ao regime, à ditadura, foram pronunciadas várias vezes pelo senador Montoro. Com discursos bastante claros e objetivos, o PMDB começou a marcar sua presença no meio operário. E abriu para si uma perspectiva nova, de um trabalho que pode definir a campanha eleitoral".

Ficou também provado que na fábrica, onde se concentra o maior contingente eleitoral de São Paulo, quem tem as condições de capitanear a campanha do PMDB são os candidatos populares. Se Aurélio Peres foi o único deputado a falar —

entre os vários que compunham a comitiva — foi por representar um trabalho de anos e anos, dentro das fábricas.

"Aqui é 80% PMDB, estamos com o Montoro e Aurélio"

Por isto, em muitas indústrias de São Paulo, o PMDB aparece hoje associado a uma imagem de destemor e firmeza oposicionista. "Aqui na MWM é 80% PMDB, estamos com Montoro e Aurélio" — comentou um metalúrgico. O mesmo em fábricas como a Villares, onde numerosos

operários chegaram a sair especialmente para cumprimentar os candidatos do PMDB.

A expectativa agora é de que os candidatos majoritários do PMDB repitam a dose, na Zona Sul e em outras concentrações industriais. Para a classe operária paulista, este pode ser um elemento decisivo na campanha eleitoral. Profundamente oposicionista, ela está decidida a votar contra o governo. E sufragará o PMDB, garantindo-lhe uma folgada vitória sobre o PDS, na exata medida em que ele aparecer como a legenda da oposição unitária, corajosa e sensível às inquietações dos trabalhadores.

A miséria perto de Brasília

Bem juntinho de Brasília, a 40 quilômetros do Palácio do Planalto, uma cidade padece de gritante falta de condições de vida. Em Planaltina de Goiás, conhecida como Brasilinha, não há água, luz, esgotos, nem sequer um posto médico. São 30 mil vítimas dos desmandos do PDS, tanto na Prefeitura, como a nível estadual e federal.

A pobreza de Brasilinha contrasta com o luxo e ostentação em que vivem, não muito distante dali, o general Figueiredo e seus parceiros de governo. Para não ir muito longe, só a água que se gasta para regar plantas e lavar os cavalos de Figueiredo na Granja do Torto daria para abastecer a sede do município de Planaltina.

Quem quiser água em Brasilinha precisa furar um poço de 30 a 40 metros de profundidade. "O carro-pipa aparece de vez em quando", conta Dona Nivanda Abreu. "Tem mês que nem aparece. Agora, se tiver dinheiro pra dar, ele aparece toda semana. Mas quem é que tem dinheiro?"

"PROMETO COMER A LÂMPADA"

A maior parte dos trabalhadores que ali moram é de empregados no Distrito Federal. Poucas são as casas que tem luz elétrica e as ruas iluminadas. Recentemente um candidato a vereador pelo PMDB fez um desafio: "Vamos sair à noite que eu prometo comer a lâmpada que estiver acesa nas ruas!" Não precisou comer nenhuma...

Duas quadras da cidade, no Setor Norte, ficam anualmente debaixo das águas por falta de um sistema de drenagem. No ano passado, o prefeito do PDS, Paulo Sady, candidato à reeleição, prometeu que em seis meses resolveria o problema. A época de chuvas já chegou novamente e o problema continua. O prefeito foi batizado pelo povo de Paulo "Promessa".

EM BRASILINHA VAI DAR PMDB

Na esperança de ganhar

votos, o governo do PDS concluiu recentemente o asfalto da estrada que liga Brasilinha ao DF. Mas os moradores acham que tem coisa mais urgente para se fazer. Pelo menos um posto médico, pois o hospital mais próximo está a 20 quilômetros. A prefeitura tem uma ambulância, mas vive quebrada ou sem gasolina.

Diante de tanto problema, o povo prepara-se para, em 15 de novembro, responder ao governo do PDS. Na sede do Município ou nos distritos distantes, como Água Fria e Mato Seco, vai dar PMDB. As reuniões do Bloco Popular, aos sábados, são muito concorridas. Se aparecem 50 pessoas, todo mundo fica triste, porque foi pouca gente. E em quase cem metros de paredes de barracos de Brasilinha pode-se ler pichações de candidatos populares, como Aldo Arantes para deputado federal e Ednival Vaz para prefeito.

(da sucursal)



Em quase cem metros de paredes de barracos o povo colocou a mensagem do Bloco Popular do PMDB

Problema de Brasilinha tem solução

Apesar de serem muitos, os problemas de Planaltina de Goiás têm solução. Também têm solução os sérios problemas que enfrentamos em Goiás e em todo o Brasil. Um passo importante para resolvê-los é a vitória do PMDB nas eleições de novembro, colocando Iriz Rezende Machado no governo do Estado.

A saída está na organização popular. Só assim conseguiremos contornar a situação de verdadeira calamidade pública em que foi colocado nosso município. O povo organizado em associações de moradores, sindicatos e associações profissionais terá maiores condições de participar efetivamente da administração.

Um ponto central na administração municipal é a formação de um Conselho Popular, formado por representantes dos moradores da cidade e dos núcleos rurais. Esse Conselho deve sugerir medidas, estabelecer prioridades e assim por diante. A Câmara dos Vereadores transforma essas condições em lei e a Prefeitura coordena a execução.



A união do povo para discutir seus problemas faz com que todos entendam melhor o que se passa e busquem um caminho que represente verdadeiramente os interesses populares.

(Ednival Vaz, candidato a prefeito pelo PMDB de Planaltina)



No antigo reduto governista, mais de 10 mil pessoas foram ao comício do PMDB

PMDB agita Petrolina e faz comício de 10 mil

Um grandioso comício, com a participação de mais de 10 mil pessoas, agitou a cidade de Petrolina, interior de Pernambuco, no último dia 2. Marcos Freire, candidato a governador pelo PMDB, foi entusiasticamente aplaudido ao anunciar que seu governo será "um governo de comunidades, com participação dos Sindicatos dos Trabalhadores".

Petrolina é uma cidade de 104 mil habitantes. Terra natal da oligarquia Coelho, que domina cerca de 80% da economia local. Foi a única cidade do sertão que deu vitória para Marcos Freire em 1974. Nas eleições de 1978 o sertão teve seu primeiro deputado estadual, padre Mansueto de Lavor, sendo Petrolina sua base principal. No entanto, a nível municipal, somente nas últimas eleições houve candidatura de oposição para a prefeitura, que sequer ameaçou o domínio dos Coelho.

Mas hoje há possibilidade real da vitória. Rui Amorim,

que foi candidato a prefeito em 1976, e que hoje é candidato a deputado estadual disse, emocionado, no comício: "É o povo que vem hoje proclamar a liberdade e a independência de Petrolina, que Petrolina não tem dono, que Petrolina é livre, porque o povo está lutando e vai quebrar as porteiras".

ATENTADO CONTRA A OPOSIÇÃO

Essa demonstração de força contrasta mais uma vez com os métodos do PDS. No dia 21, aniversário da cidade, há um tradicional desfile.

Pois o PDS aproveitou para fazer a inauguração do Mercado da cidade, e desviou o itinerário do desfile. Só que após o desfile mais da metade dos participantes foi embora, não ficando para o discurso dos candidatos e nem para os 30 mil litros de chope que seriam distribuídos.

Não foi à toa a tentativa de atentado contra o padre Mansueto, que só não ocorreu devido a um bem montado esquema de segurança do PMDB local. O autor da tentativa de atentado, José Moura, foi rapidamente desarmado, mas por interferência de elementos do PDS ele continuou solto no local do comício. Como diz Marcos Freire em seus discursos, "o PDS tem a truculência. Mas não tem uma coisa: o povo". O povo está no PMDB. (da sucursal)